CENTRO UNIVERSITÁRIO CATÓLICO DE VITÓRIA

WELYANE AYOLPHI DE OLIVEIRA

ANALISE E REFLEXÃO SOBRE OS RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE ALGUNS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ACERCA DA INCLUSÃO DO SUJEITO AUTISTA

VITÓRIA

2017

WELYANE AYOLPHI DE OLIVEIRA

ANALISE E REFLEXÃO SOBRE OS RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE ALGUNS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ACERCA DA INCLUSÃO DO SUJEITO AUTISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário de Vitória, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Leonardo Miglinas

VITÓRIA

2017

WELYANE AYOLPHI DE OLIVEIRA

ANALISE E REFLEXÃO SOBRE OS RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE ALGUNS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ACERCA DA INCLUSÃO DO SUJEITO AUTISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Aprovado em _____ de _____ de ____, por:

_____

Prof. Ms. Leonardo Miglinas Cunha, UCV - Orientador

_____

Prof. Ms. Nilton Poletto Pimentel, UCV

_____

Prof. Ms. Danúbia Aires, UCV

Dedico este trabalho a Marcio Roberto de Oliveira, essa pessoa maravilhosa que Deus colocou em minha vida, e me ensinou que sou melhor do que penso ser.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por me dar condições para conquistar essa vitória.

Aos familiares que me apoiaram em momentos difíceis, em especial meu marido Marcio Roberto, por me incentivar e não deixar desistir, me mostrando sempre que iria conseguir porque sou capaz.

Não esquecendo, uma pessoa que foi muito importante para mim, e que hoje infelizmente não vive mais em nosso meio, a minha tia Rita que de todas, foi a primeira pessoa que me incentivou a estudar para ser alguém na vida.

Aos amigos que conheci na faculdade, não posso deixar de escrever aqui, cujos nomes são: Rafaela, Alexsander, Thaina, Mayara, Vanessa, Iane, dentre outros vários que não vou citar nomes, pois são muito, mas sintam-se agradecidos, pois vocês fizeram parte da minha vida, e passamos por muitos momentos bons e ruins, mas vocês sempre estiveram presentes nessa trajetória, me ajudando e apoiando.

Em especial quero agradecer a uma pessoa que me fez acreditar novamente que existem amigos e que eles podem sempre estar presentes em nossas vidas sem interesses, pelo contrário nos deixando sempre pra cima e estando sempre do nosso lado, seja em momentos bons e também em momentos ruins, e agora posso dizer realmente que tenho uma amiga de verdade e o nome dela é Meiriellen, e essa amizade posso dizer que carregarei comigo sempre em meu coração.

Aos professores, verdadeiros mestres que nos ensinaram e tiveram paciência conosco nessa jornada, e nos mostraram o quanto é valioso nosso saber e como são grandiosas nossas oportunidades quando nos permitimos a conhecer mais e mais.

Em especial o professor, mestre e orientador Leonardo Miglinas, com sua paciência e delicadeza para comigo, e como sempre me ensinando muitas coisas.

E por último e não menos importantes, meus queridos alunos, que passaram por minha vida acadêmica nos estágios obrigatórios e não obrigatórios, onde foram muito importantes para minha evolução no processo educativo.

“A escola prepara o futuro e, de certo que, se as crianças aprenderem a valorizar e a conviver com as diferenças nas salas de aula, serão adultos bem diferentes de nós, que temos de nos empenhar tanto para entender e viver a experiência da inclusão!” Maria Teresa Eglér Mantoan (2003)

RESUMO

Essa pesquisa buscou entender como se dá a atuação do professor de Educação Física perante a inclusão de crianças autistas no ambiente escolar, com objetivo de identificar como foi o primeiro contato com a inclusão e quais práticas pedagógicas são utilizadas por esses profissionais nesse contexto. Utilizamos com base para os estudos sobre inclusão, vários documentos e também nos baseamos em literaturas como José Francisco Chicon, Romeu Kazumi Sassaki, Maria Teresa Eglér Mantoan, dentre outros. Os métodos utilizados foram à pesquisa de campo com entrevista com quatro professores de escolas públicas e privadas. O trabalho problematiza a questão da preparação dos professores para inclusão, desde sua formação docente até seu trabalho de fato na escola. Assim, concluímos que para haver inclusão na escola, precisamos de um belo trabalho em equipe, onde escola, professor, colegas de turma e família tenham o mesmo propósito que neste caso é a inclusão, porém através de toda pesquisa podemos ver que não é bem assim que acontece atualmente, pois nos relatos dos professores podemos perceber que nem todos tem apoio dos demais para ajudar incluir o aluno com deficiência em suas aulas, entretanto percebemos que existem escolas que apoiam os professores e que há trabalho em equipe sim, e em consequência disso, o desenvolvimento integral das crianças. Entendemos também que o professor deve sempre se atualizar, para cada dia estar mais preparado para trabalhar em favor da inclusão, esse foi um ponto positivo na pesquisa, pois os professores entrevistados sempre procuram atualizações e especializações, para através dela fazer com que sua atuação ocorra de modo para que todos possam desenvolver mudanças, para transformação de uma sociedade para todos.

Palavras-chave: Professor de Educação Física. Inclusão. Autistas.

ABSTRACT

This research sought to understand how the Physical Education teacher's performance in the inclusion of autistic children in the school environment, with the objective of identifying how the first contact with the inclusion was and what pedagogical practices are used by these professionals in this context. We use based on studies on inclusion, various documents and also rely on literatures such as José Francisco Chicon, Romeu Kazumi Sassaki, Maria Teresa Eglér Mantoan, among others. The methods used were field research with interviews with four teachers from public and private schools. The paper questions the question of the preparation of teachers for inclusion, from their teacher training to their actual work in school. Thus, we conclude that for inclusion in school, we need a good teamwork, where school, teacher, classmates and family have the same purpose as in this case is inclusion, however through all research we can see that it is not well As it happens nowadays, because in the reports of the teachers we can realize that not everyone has the support of the others to help include the disabled student in their classes, however we realize that there are schools that support the teachers and that there is teamwork yes, and as a consequence Development of children. We also understand that the teacher should always update himself, so that each day he or she is more prepared to work for inclusion, this was a positive point in the research, because the interviewed teachers always look for updates and specializations, through it to make their performance occur So that everyone can develop change, to transform a society for all.

Keywords: Physical education teacher. Inclusion. Autistic children.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 17

2 REVISÃO DE LITERATURA 23
2.1. ESCOLARIZAÇÃO E INCLUSÃO 23
2.2. AUTISMO 29
2.3. CRIANÇA AUTISTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA 33
2.4. ATUAÇÃO DOCENTE EM TEMPOS DE INCLUSÃO 36

3 METODOLOGIA 43

4 RESULTADOS E DISCURSSÕES 47
4.1 FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIENCIA 49
4.2 ESTAMOS PREPARADOS PARA PRÁTICAR A INCLUSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR? 52
4.3 PRIMEIRO CONTATO E COLOCANDO EM PRÁTICA A INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA 56
4.4 PROPOSTAS PEDAGÓGICAS E CONTEUDOS: O CAMINHO PARA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIENCIA 57
4.5 TRABALHOS EM EQUIPE A FAVOR DA INCLUSÃO 61

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 67

REFERÊNCIAS 69

APÊNDICE A 74

ANEXO A 86

1 INTRODUÇÃO

A educação é um processo que acontece em vários lugares e não somente na escola, pois todo e qualquer lugar podemos adquirir conhecimentos.

Também podemos afirmar que a educação e inclusão nos dias atuais devem estar sempre juntas, isso porque não existe inclusão se não houver educação, pois quando adquirimos conhecimentos, passamos através dele ter outra visão de mundo e de sociedade, onde temos que mostrar que todos somos sujeitos de direitos, como afirma a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), nas paginas 5 e 6. Ao estabelecer em seu artigo II que “Todas as pessoas tem capacidade para gozar os direitos e liberdades estabelecidos, sem distinção de espécies, seja cor, raça, religião, sexo, língua, [...] ou qualquer outra condição”. Ainda na mesma declaração diz no artigo VII, “Todos são iguais perante a lei e tem direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2009).

Neste sentido independente de ter ou não algum tipo de deficiência, deve-se fazer inserção de todo e qualquer sujeito no meio escolar por ser o melhor lugar para proporcionar autonomia e independência para uma vida com igualdade baseada nos princípios de Inclusão.

Contudo, podemos dizer que atualmente a inclusão social está muito presente em nossos dias e também a busca por essa igualdade para todos, pois temos que entender como sociedade, que temos diferenças e devemos aprender a conviver com elas na sua diversidade para que consigamos nos livrar do preconceito que ainda se faz muito presente em nossa sociedade atual. Essa busca passa inevitavelmente pela Educação, assim, em relação às pessoas com deficiência, no parágrafo três do artigo cinco do documento (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 1990) nos diz que:

> As necessidades básicas de aprendizagem das [1]pessoas portadoras de deficiências requerem atenção especial. É preciso tomar medidas que

[1] Por vezes no texto aparecerão terminologias para tratar as pessoas com deficiência, tais como “portadores de deficiências”, “portadoras de necessidades educacionais especiais”, etc., portanto preferimos manter nas citações diretas, já que eram termos utilizados na época em que o texto foi escrito.

> garantam a igualdade de acesso à educação aos portadores de todo e qualquer tipo de deficiência, como parte integrante do sistema educativo.

De acordo com resolução CNE/CEB Nº 2 de 2001, art. 2,

> Art. 2º Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (BRASIL 2001, p. 69).

Quando falamos de inclusão, devemos pensar basicamente que a mesma está relacionada em uma mudança de pensamento da sociedade, onde a sociedade de maneira geral tem um papel muito importante de que ela também se transforme, para que as pessoas com deficiência também possam realmente estar inserido e em contado a todas as possibilidades de todos os setores na sociedade, sendo assim uma via de mão dupla, onde algum tempo atrás teve momento histórico em que as pessoas com deficiência tinham que adaptar-se à sociedade/escola, já nos dias atuais entendemos que a sociedade/escola que tem a função/dever de adaptarem-se as pessoas com deficiência. Portanto estamos passando historicamente por um processo de transição entre o modelo de integração para o modelo de inclusão.

Onde segundo Sassaki (2010, p. 39) inclusão é:

> [...] o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente estas se preparam para assumir seus papeis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos.

A educação inclusiva é um assunto muito comentado atualmente, por saber que a escola é um lugar ideal para começarmos entender das diferenças e aprender tornar isso comum para vida. De acordo com Mantoan (2003, p. 12).

> [...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens, de nossos valores e sentimentos.

Na escola, a inclusão tem a ver com a ideia de pertencimento, de que a criança com deficiência e os demais indivíduos fazem parte da mesma turma e que os mesmos se sintam inseridos nas atividades e que podem fazê-las em grupo independentes de cada diferença inserida naquele ambiente.

Mantoan (2003, p. 12), relata que:

> As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e a nós mesmos.

Contudo, é extremamente relevante discutirmos esse tema, por ser um momento em que ficamos com muitas duvidas em relação ao trabalho de inclusão, principalmente quando consideramos algumas deficiências que por si só, já nos limitam ao trabalho que normalmente realizamos cotidianamente, como por exemplo, o autismo, considerando que sua principal característica é o isolamento do sujeito, dificultando muito o trabalho do professor que ainda pensa a sua aula para um grupo de alunos em que não considera as diferenças entre os próprios.

Falo sobre o Autismo por ter proximidade e conhecimento dessas dificuldades. Possuo um primo de primeiro grau com esta deficiência, além também dele possuir Síndrome de Down. Pude acompanhar os grandes desafios que o mesmo enfrentou na escola regular, justamente no processo de transição de leis, onde o mesmo acabou sofrendo vários tipos de preconceitos tanto pelas crianças que ali estavam, quanto da equipe pedagógica presente na instituição.

> O autismo não tem uma causa definida. É um transtorno que causa um atraso no desenvolvimento infantil, comprometendo principalmente sua socialização, comunicação e imaginação. Manifesta-se até os 3 anos de idade e ocorre quatro vezes mais em meninos do que em meninas. (MENDONÇA; FLAIT, 2013 p. 27).

Sabemos que é um desafio incluir a crianças autistas nas aulas de educação física, por ser um sujeito que tem como característica o “isolamento”, sendo assim entende-se que por mais que o profissional da educação tenha todos os mecanismos de entendimento de que é inclusão, o mesmo tem dificuldades para colocar em prática a inclusão desse sujeito que vive em “seu próprio mundo” e não gosta de se relacionar com o meio social. Por isso, precisamos entender quão importante é a preparação de um profissional da educação principalmente em sua formação, para assim ter conhecimento e saber como agir mediante a esse fato.

Dessa forma temos que conhecer um pouco dessa experiência obtidas através de relatos desses profissionais, por entender que é de muita valia para um acadêmico o entendimento de como funciona o dia a dia de um professor, e através desses relatos vividos, compreenderem como conseguir trabalhar especificamente com varias diferenças em um ambiente escolar. Também podendo através desses relatos

compreenderem melhor a importância do professor na inclusão desse sujeito com deficiência.

Euquilene Pedro de Sousa, e outros (2014, p. 74- 75) explica assim a importância do professor de educação física,

> O professor de educação Física é um agente importante dentro de uma instituição, pois este em suas aulas precisa ser um agente criativo e transformador, para lidar com diferentes situações no seu dia a dia, principalmente em relação a crianças especiais que precisam e exigem mais atenção e dedicação do profissional, como é o caso das crianças autistas que exigem do professor de Educação Física uma prática de diferentes pontos de vista e dentro de aspectos culturais, sociais e biológicos.

Apesar dos avanços em relação às questões que envolvem a inclusão de alunos com deficiência nas escolas, percebe-se que os professores de educação física se sentem despreparados e limitados ao trabalho na perceptiva da inclusão.

Segundo Mittler (apud MANTOAN, 2003*,* p. 14). “Os professores do ensino regular consideram-se incompetentes para lidar com as diferenças nas salas de aula, especialmente atender os alunos com deficiência, [...]”. Isso acontece principalmente quando se trata de crianças autistas já que a característica da deficiência é de isolamento. Assim, podemos nos perguntar qual é a percepção e o nível de conhecimento dos professores e a atuação que eles estão tendo com crianças com autismo na perspectiva da inclusão? Será que é possível trabalhar de forma inclusiva com crianças autistas?

Dessa forma, se fez necessário entendermos melhor como os professores de educação física estão se sentindo em relação a sua pratica pedagógica, onde são colocados para trabalhar com a criança autista, no momento em que sabemos que as escolas nessa transição de leis em que elas são orientadas a incluir as crianças com deficiências no meio escolar e que com pouco preparo para tal inclusão acabam, a princípio, apenas recebendo/inserindo esses alunos, sem normalmente terem nenhum tipo de preparo de formação continuada para tal contexto.

Assim, o objetivo geral desse trabalho será o de identificar como foi o primeiro contato com a inclusão e quais práticas pedagógicas são utilizadas pelos profissionais de quatro escolas da cidade de Vitória, e a partir de relatos de experiências desses professores poderem analisar como se dá a parceria entre a escola, professor e família para haver a inclusão do autista no ambiente escola.

Para alcançar tal objetivo, traçamos como objetivos específicos: Caracterizar o perfil do professor sobre a formação do mesmo; analisar se o professor sente-se preparado para atuar com crianças com deficiência na escola; examinar o contato inicial do professor com os princípios da inclusão e relacionar o sujeito autista com as aulas de educação física; mapear de que maneira é a atuação desse profissional com essas crianças analisando a metodologia utilizada pelo mesmo; conhecer as propostas pedagógicas da escola através dos relatos do professor e se saber se a mesma contribui de alguma forma no trabalho de inclusão, identificando se existe parceria entre professor, escola e família.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1. ESCOLARIZAÇÃO E INCLUSÃO

Para tratar desse tema de escolarização e inclusão devemos primeiramente entender um pouco do significado de cada um desses elementos, sendo assim a palavra escolarização não foi encontrada, no entanto é de grande valia saber o significado de a palavra escolarizar, que no dicionário Michaelis da língua portuguesa (2008, p. 343), tem como significado, “adaptar (-se) ao ensino escolar”.

Segundo Hébrard (apud BAPTISTA, 2009, p. 53), traz alguns aspectos que se referem à escolarização,

> A primeira diz respeito ao problema da continuidade e evolução da escola: a escola que temos hoje é fruto de uma continuidade e uma evolução linear do passado aos dias atuais? Sua evolução, como se fosse um melhoramento, é que permitiu atender os “anormais, os deficientes, os pobres, aqueles com necessidades especiais”? A segunda pode ser assim formulada, o que fez com que o fenômeno da escolarização se orientasse para universalização do acesso à escola? Lembro que o conceito de “escolarização” diz respeito ao complexo processo que envolve aspectos relacionados com a instituição escolar: a quem é oferecida, qual a sua função, sua organização, seu currículo, a tecnologia a sua disposição (livros, recursos e materiais utilizados para escrita, entre outros), as formas e princípios das ações pedagógicas desenvolvidas em seu interior, o sistema escolar (se é constituído ou não), entre outros, inclui os saberes culturais associados a determinados grupos profissionais e a transformação destes em disciplinas escolares, como exemplifica a investigação de Jean Hébrard (1990).

Portanto a autor relata que a evolução da escola vem aumentando e progredindo, a partir disso permitiu-se atender os indivíduos que são considerados “anormais”, para a sociedade no mundo em que vivemos.

Marchesi (2004, p.43), afirma que: “Quando uma escola estabelece entre seus objetivos prioritários a inclusão de todos os alunos fica mais simples transferir a estratégia posteriormente à prática educativa nas salas de aula”. Dessa forma a escola deve estar disposta as mudanças que devem ocorrer no dia a dia. Sendo assim primeiramente havendo mudanças e transformação do currículo, onde dever ser feito um currículo comum e igual para todos os alunos sem distinção de diferenças e após seja adequado ao contexto cultural, social de cada lugar e escola, suprindo a necessidade das diferenças de todos os alunos ali presentes. (MARCHESI, 2004).

Para Sassaki (2010, p.125), “A história da atenção educacional para pessoas com deficiência tem também as fases de exclusão, segregação institucional, integração e inclusão”. Na fala dos autores acima é evidente dizer que houve momentos em que as pessoas com deficiência passaram por fases como a exclusão, onde o mesmo era totalmente excluído de tudo literalmente, também passou pela fase de segregação que mesmo já sendo um grande avanço, ainda tinha suas falhas por que a pessoa com deficiência já não era mais totalmente excluído, entretanto o mesmo fazia parte de instituições especializadas, sendo assim um atendimento separado das demais pessoas tidas como “normais”, logo após a fase integração em que a pessoa com deficiência é colocada em uma escola regular, porém neste meio os alunos mesmo estando próximo dos colegas, seu ensino é diferenciado por haver professores especializados para auxiliá-lo em suas atividades pedagógicas, essa fase de integração se faz muito presente em nossa realidade ainda, por estamos em meio à transição dessa fase de integração para fase de inclusão que é nosso maior objetivo.

Dentre vários paradigmas na educação, atualmente temos a inclusão escolar, que defende a escola como um espaço de ensino para todos, e que está para contrapor a exclusão do alunado, independente de sua especificidade, onde teve um momento em alguns alunos eram segregados por serem “diferentes”, ou seja, uma pessoa com deficiência.

> Muito se tem falado sobre o processo de inclusão, e quase sempre com a conotação de que inclusão e integração escolar seriam sinônimos. Na verdade, a integração insere o sujeito na escola esperando uma adaptação deste ao ambiente escolar já estruturado, enquanto que a inclusão escolar implica em redimensionamento de estruturas físicas da escola, de atitudes e percepções dos educadores, adaptações curriculares, dentre outros. (SERRA, 2004, p. 27).

Para Facion (2005) a inclusão pode ser subdividida em quatro etapas onde a primeira é a fase de exclusão, em que qualquer deficiente era excluído do ambiente escolar por ser diferente. A segunda é a fase de segregação em que os deficientes tinham o direito de frequentar somente lugares que oferecessem programas técnicos especializados. Na terceira fase chamada de integração onde a criança deficiente tinha direito de frequentar o ensino regular, porem o mesmo tinha que se adequar a estrutura escolar. Por final a fase de inclusão que ocorreu um aumento na preocupação com a presença e permanência dos deficientes no ambiente escolar e fez com que esses indivíduos intensificassem suas capacidades.

De acordo com Sassaki (2010, p. 17), o conceito e a prática da inclusão são muito recentes, porém já havia ocorrendo lentamente parte ou aspectos da prática de inclusão na fase da integração social.

Essa fase de integração social foi adotada a partir da década de 1970, onde é chamada de normalização, na fala do autor Sassaki (2010), onde deixa bem claro que o individuo é inserido em situações e ambientes como qualquer outra pessoa "normal", porém não estando incluído na sociedade de forma correta. (SASSAKI, 2010, p. 31).

Entretanto devemos ter conhecimento de que existe a interação escolar, e que para o autor Mantoan (2003, p. 16),

> A integração escolar pode ser entendida como o "especial na educação", ou seja, a justaposição do ensino especial ao regular, ocasionando um inchaço desta modalidade, pelo deslocamento de profissionais, recursos, métodos e técnicas da educação especial às escolas regulares.

A inclusão social começou incipientemente na segunda metade dos anos de 1980, em países mais desenvolvidos, depois ficou mais presente nos anos de 1990 também nos países mais desenvolvidos, e posteriormente foi sendo desenvolvido nos outros países nos dez primeiro anos do século 21. (SASSAKI, 2010, p. 16- 17).

De acordo com Sassaki (2010, p. 17), este movimento cujo objetivo é a construção de uma sociedade, onde seja realmente para todos, tiveram inspirações e novos princípios que valem serem aqui destacados alguns,

- celebração das diferenças
- direito de pertencer,
- valorização das diversidade humana,
- solidariedade humanitária,
- igual importância das minorias,
- cidadania com qualidade de vida.

Tendo por objetivo a inserção do aluno ou grupo de alunos que anteriormente já tenha sido excluído, enquanto em contrapartida a inclusão, que no dicionário Michaelis da língua portuguesa (2008, p. 463) define inclusão como o "ato ou efeito de incluir, inserir", esta não questiona somente as políticas e organizações da educação especial, ou seja, ela é incompatível com a integração por inserir o sujeito de forma radical, completa e sistemática, não deixando ninguém no exterior do ensino regular desde o começo da vida escolar, fazendo com que haja mudanças de perspectiva educacional, onde não atinja somente alunos deficientes ou aqueles que

possuem dificuldades em aprender, mas todos os demais para obtenção do sucesso na corrente educacional geral. (MANTOAN, 2003).

Para afirmar a definição de inclusão, é importante ver o conceito da Cartilha direito das pessoas com autismo,

> É uma política que busca perceber e atender às necessidades educativas especiais de todos os alunos, em salas de aulas comuns, em um sistema regular de ensino, de forma a promover a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos. Na proposta de educação inclusiva todos os alunos devem ter a possibilidade de integrar-se ao ensino regular, mesmo aqueles com deficiências ou transtornos de comportamento, de preferência sem defasagem idade-série. A escola, segundo essa proposta, deverá adaptar-se para atender às necessidades destes alunos inseridos em classes regulares. Portanto, requer mudanças significativas na estrutura e no funcionamento das escolas, na formação dos professores e nas relações família-escola. (SÃO PAULO, 2011, p.11).

"A inclusão num sentido mais amplo, significa o direito ao exercício da cidadania, sendo a inclusão escolar apenas uma pequena parcela do processo que precisamos percorrer". (SERRA, 2004, p. 27).

Tendo a fala desse autor como base, podemos complementar com a Lei 13.146 (BRASIL, 2015),

> É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania**.**

E ainda sob a mesma Lei de nº 13.146, foi instituído o Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), onde se baseia no Protocolo Facultativo elaborado na referida Convenção, que traz como imperativa o direito à igualdade de oportunidade e a acessibilidade, destacado assim em seu artigo de número 4:

> § 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas. (BRASIL, 2015).

É sabido que existe uma lei cujo número é de 9.394 do art. 59º na Lei de bases e diretrizes, determina aos alunados deficientes tenham professores adequadamente capacitados tanto no atendimento especializado quanto no ensino regular, para que haja uma boa integração desse aluno nas classes comuns. (BRASIL, 1996).

A inclusão não se restringi somente a pessoas deficientes, mas também a todos que se sentem excluídos de um grupo social como de baixa renda, negros, idosos, imigrantes, homossexuais, etc.

> A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar e equiparação de oportunidades para todos. (SASSAKI, 2010, p. 39).

Portando, para Mantoan (2003, p. 17):

> A distinção entre integração e inclusão é um bom começo para esclarecermos o processo de transformação das escolas, de modo que possam acolher, indistintamente, todos os alunos, nos diferentes níveis de ensino.

Dessa forma, fica claro que integração e inclusão não são sinônimos, pelo contrário as definições são diferentes, e que tem um entendimento de certa forma significativo, pois não adianta “colocar” uma criança dentro da escola e fazer com que esse individuo aprenda da mesma maneira, e no mesmo tempo, até porque as pessoas ditas “normais” cada uma delas também tem o seu tempo de absorver o conteúdo e aprender, sendo dessa maneira um ato de integração, já na inclusão a escola, a sociedade, o mundo tem que se adaptar as pessoas com deficiência, fazer com eles sejam inclusos de fato, dar condições para independência dos mesmos no ambiente, seja na locomoção, comunicação, dentre outros, fazendo com que suas necessidades sejam atendidas da melhor forma possível.

A inclusão social teve inicio na metade dos anos 1980 em países mais desenvolvidos e a partir dos anos 1990 nos mesmos países teve um grande impulso e agora em pleno século 21 a cada dia vem sendo mais desenvolvido só que não mais somente em países desenvolvidos, mas sim todos estão envolvidos a prática da inclusão. (SASSAKI, 2010).

Portanto mesmo sabendo que ainda estamos em transição da fase de integração para fase de inclusão, já percebemos que houve grandes avanços com relação a esse fato, então analisando a fala do autor, é um ponto positivo para esse processo, pois a inclusão não está mais limitada somente aos países mais desenvolvidos. Segundo o autor Castro (2005, p.410), “A inclusão é vista como uma proposta pedagógica que depende dos esforços em alterar o meio para acolher o deficiente”. Deixando assim bem claro que nós devemos mudar e nos adaptar para incluir as pessoas com deficiência, e não mais o deficiente se adaptar a nossa sociedade.

Assim o mesmo acontece com sistema educacional como afirma Werneck (1997, p.53), “No sistema educacional da inclusão cabe à escola se adaptar às necessidades dos alunos e não aos alunos se adaptarem ao modelo da escola”.

> A educação inclusiva tem sido caracterizada como um “novo paradigma”, que se constitui pelo apreço à diversidade como condição a ser valorizada, pois é benéfica à escolarização de todas as pessoas, pelo respeito aos diferentes ritmos de aprendizagem e pela proposição de outras práticas pedagógicas, o que exige ruptura com o instituído na sociedade e, consequentemente, nos sistemas de ensino. (PRIETO, 2006, p. 8).

A inclusão social é o ato de trazer aquele que é excluído socialmente, por algum motivo, seja ele econômico, cultural, político, religioso, etc. Então pensando na inclusão social a mesma deve-se ocorrer de modo em que todo e qualquer sujeito participe de todas as esferas da sociedade, onde suas diferenças, direitos e deveres sejam respeitados e atendidos, no qual cada sujeito tenha sua autonomia e liberdade. Entretanto para isso acontecer deve haver mudanças de paradigma educacional que para Mantoan (2003, p. 16),

> O radicalismo da inclusão vem do fato de exigir uma mudança de paradigma educacional, à qual já nos referimos anteriormente. Na perspectiva inclusiva, suprime-se a subdivisão dos sistemas escolares em modalidades de ensino especial e de ensino regular. As escolas atendem às diferenças sem discriminar, sem trabalhar à parte com alguns alunos, sem estabelecer regras específicas para se planejar, para aprender, para avaliar (currículos, atividades, avaliação da aprendizagem para alunos com deficiência e com necessidades educacionais especiais).

Assim podemos dizer que mesmo com os grandes avanços, a deficiência por estarem associadas a uma doença, as pessoas que estão nessas condições sofrem discriminação e dificuldades para se adequar a inclusão social. (SASSAKI, 2010).

“Se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena, livre de preconceitos e que reconhece e valoriza as diferenças”. (MANTOAN, 2003, p.14).

> Promover a inclusão significa, sobretudo, uma mudança de postura e de olhar a cerca da deficiência. Implica em quebra de paradigmas, em reformulação do nosso sistema de ensino para a conquista de uma educação de qualidade, na qual, o acesso, o atendimento adequado e a permanência sejam garantidos a todos os alunos, independentemente de suas diferenças e necessidades. (SERRA, 2004, p. 28).

Assim, devemos ampliar ou até mesmo reavaliarmos nossa visão quanto à inclusão, como a mesma deve ser realizada e o mais importante que os sujeitos devam ser respeitados mesmo com as suas diferenças, sendo assim é importante a fala de Glat et al (2006, p. 2),

> [...] falar em diferenças configura-se o respeito às características próprias de cada indivíduo e dos grupos aos quais ele pertence. Dessa forma, faz-se necessário observar todas as nuances de seu entorno social e planejar a escola para atender às diferentes modalidades de vida e aprendizagem, colaborando para a formação de um indivíduo cidadão, sem, entretanto, pensar que a escola se constitui no único lócus de origem ou de prevenção das injustiças e de exclusão.

Dessa forma é importante observar todo o contexto do indivíduo e a partir disso buscar formas para contribuir na formação do mesmo, evitando a exclusão.

Segundo o autor Mantoan (2003, p. 36 e 37),

> A inclusão não prevê a utilização de práticas de ensino escolar específicas para esta ou aquela deficiência e/ ou dificuldade de aprender. Os alunos aprendem nos seus limites e se o ensino for, de fato, de boa qualidade, o professor levará em conta esses limites e explorará convenientemente as possibilidades de cada um. Não se trata de uma aceitação passiva do desempenho escolar, e sim de agirmos com realismo e coerência e admitirmos que as escolas existam para formar as novas gerações, e não apenas alguns de seus futuros membros, os mais capacitados e privilegiados.
>
> Eis aí um grande desafio a ser enfrentado quando nos propomos a reorganizar as escolas, cujo paradigma é meritocrático, elitista, condutista e baseado na transmissão dos conhecimentos, não importa o quanto estes possam ser acessíveis ou não aos alunos.

Não podemos esquecer que cada aluno tem seu tempo, seus limites e, "[...] colocar todas as crianças juntas, em um mesmo lugar, em um mesmo tempo para aprender tudo não significa que todas aprenderão o que realmente precisam aprender" (GÓES, 2007, p. 96), portanto cada indivíduo aprenderá no seu devido tempo, e com o auxílio do professor, na qual o acompanhará com base nas observações feitas acerca do ensino e aprendizagem a qual o mesmo transmitirá para os alunos.

Apesar dos avanços que temos alcançado para inclusão das pessoas com deficiência, de acordo com a pesquisa realizada por esse trabalho, percebe-se que ainda existem muitas mudanças e melhorias a serem feitas para que seja feito de fato uma inclusão desse sujeito, seja ele em todo e qualquer lugar.

2.2. AUTISMO

Falar sobre autismo é considerar que nos tempos atuais, ele passou a não ser mais mencionado como um transtorno, mas sim uma deficiência, onde afirma no Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, na lei de número 12.764, no Artigo 1º § 2º "A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos

legais”. Sendo que outros autores que consideram o autismo como uma doença mental, conceituava o autismo como um transtorno, sendo para Braga (2009, p. 21), o transtorno global do desenvolvimento, sendo também conhecido por outras nomenclaturas como “transtorno autístico, Autismo da infância e autismo infantil precoce”. Entretanto, essas e outras nomenclaturas já foram deixadas de ser ditas, e passou-se a ser conhecido popularmente como autismo, que é uma palavra que tem origem do grego autós que significa “de si mesmo”, esse termo segundo o autor, foi utilizado primeiramente pelo psiquiatra Suíço E. Bleuler, em 1911.

Logo na Cartilha direito das pessoas com autismo, tal conceito é acrescido por mais uma nomenclatura:

> O Autismo é um Transtorno Global do Desenvolvimento (também chamado de Transtorno do Espectro Autista), caracterizado por alterações significativas na comunicação, na interação social e no comportamento da criança. (SÃO PAULO, 2011, p. 2).

Temos por definição resumida da “The National Society for Autistic Children” de 1978, nos Estados Unidos da América, o autismo como:

> O autismo é uma inadequacidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave, durante toda a vida. É incapacitante e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. Acomete cerca de cinco entre cada dez mil nascidos e é quatro vezes mais comum entre meninos que meninas. É encontrada em todo o mundo e em famílias de toda configuração racial, étnica e social. Não se conseguiu até agora provar nenhuma causa psicológica no meio ambiente dessas crianças que possa causar a doença. (THE NATIONAL SOCIETY FOR AUTISTIC CHILDREN apud GAUDERER, 1993, p. 3- 4).

Segundo Coelho e Santo (2006, p. 5):

> [...] uma perturbação global do desenvolvimento infantil que se prolonga por toda a vida e evolui com a idade. Os adolescentes juntam às características do autismo os problemas da adolescência, podendo, contudo, melhorar a capacidade de relacionar-se socialmente e o seu comportamento ou, pelo contrário, podem voltar a fazer birras, mostrar auto-agressividade ou agressividade para com as outras pessoas. É um distúrbio neurofisiológico e a sua causa é desconhecida, no entanto, alguns investigadores atribuem-no a alterações bioquímicas, mas outros associam no a distúrbios metabólicos hereditários, encefalites, meningites, rubéola contraída antes do nascimento, ou até as lesões cerebrais. Porém existem bastantes incertezas e dúvidas na relação do Autismo com estas doenças. Contudo, parece consensual que o autismo resulta de uma perturbação no desenvolvimento do Sistema Nervoso, de início anterior ao nascimento, que afeta o funcionamento cerebral em diferentes áreas, sobretudo a capacidade de interação social e a capacidade de comunicação são algumas das funções mais afetadas.

A partir das definições mencionadas acima, podemos afirmar que o autista tem uma perturbação que causa um atraso em seu desenvolvimento, e pode ser associada a outras doenças, e sendo ele percebido em sua maioria, em meninos e desenvolvida

a partir de três anos de idade, sendo que com o passar de um tempo pode evoluir mais.

Para sabermos identificar um autista com melhor clareza, vale a pena saber as características frequentemente associadas com os mesmos,

Quadro 1 – Características frequentemente associadas com o autismo:

Domínio/Processo	Características
Sensorial	Hipersensibilidade, hipossensibilidade, evitação, sensorial, busca sensorial, problemas de integração vestibular, proprioceptiva e sensorial.
Motor	Atrasos no desenvolvimento, problemas com coordenação motora fina e grossa, baixo tônus motor, problemas de planejamento motor, falta de destreza, dificuldades de coordenação.
Estimulação/ ativação/ emoção	Hiperestimulação, hipoestimulação, temperamento difícil ou lento, alta reatividade emocional, fraca regulação emocional, medo generalizado, ansiedade, depressão, problemas motivacionais.
Cognição	Dificuldades de atenção, pensamento concreto, boas habilidades de “visualização”, fraco aprendizado incidental e por observação, falta de brincadeiras de “faz de conta”, problemas de funcionamento metacognitivo e executivo, dificuldades na solução de problemas, baixo entendimento social e sobre si mesmo (teoria das deficiências mentais), baixo Q.I e retardo mental, competências *savant*.
Interação Social	Fraco contato visual, deficiências na imitação, atenção conjunta e referências sociais, baixa iniciativa de interações sociais, tendências a isolar-se, afeto social embotado e inapropriado, falta de empatia, baixo uso de gestos sociais, falta de conscientização sobre protocolos sociais e amizades superficiais.
Linguagem/ Comunicação	Problemas de protocomunicação (p. ex., falta de gestos sociais), ecolalia, deficiências na linguagem expressiva e receptiva, uso idiossincrático da linguagem, inversão de pronomes, linguagem de script, deficiências pragmáticas, fraca compreensão de leitura e fala coloquial.
Autorregulação	Falta de habilidades apropriadas de autorregulação, dificuldades de automonitoramento, autoinstrução e autoavaliação, deficiências na solução de problemas, incapacidade para solicitar e utilizar apoios instrumentais e emocionais, sinais de fraca autorregulação (impulsividade, distração, hiperatividade, TDAH, comportamento estereotipado e auto estimulador, interesses obsessivos e limitados, comportamento compulsivos e ritualísticos).
Problemas comportamentais	Desobediência, agressividade, auto agressividade, problemas com o sono e com a alimentação.
Características Físicas/ Problemas médicos	Aparência “normal”, circunferência craniana grande, convulsões.

Fonte: Adaptado de Whitman (2015, p. 58-59), citado por Assis (2016, p. 23).

Aqui o autor pontua alguns sintomas associados ao autismo, segundo Ritvo e Fredman, citado por Gauderer (1993, p.4):

> Os sintomas são causados por disfunções físicas do cérebro verificadas pela anamnese ou presentes no exame ou entrevista com o indivíduo.
>
> Incluem:
>
> 1. Distúrbios no ritmo de aparecimento de habilidades físicas, sociais e linguísticas.
>
> 2. Reações anormais às sensações. As funções ou áreas mais afetadas são: visão, audição, tato, dor, equilíbrio, olfato, gustação e maneira de manter o corpo.
>
> 3. Fala e linguagem ausentes ou atrasadas. Certa área específica do pensar presentes ou não. Ritmo imaturo da fala, restrita compreensão de idéias. Uso de palavras sem associação com o significado.
>
> 4. Relacionamento anormal com objetos, eventos e pessoas. Respostas não apropriada a adultos ou crianças. Objetos e brinquedos não usados da maneira devida.

O autista pode ter alterações em sua comunicação, afastando-se mentalmente e assim vivendo em seu “próprio mundo”, e não gostando de interagir com meio social, e também em seu comportamento, podendo vir agredir as pessoas ou até se auto agredir. Assim, ainda tem formas mais graves dos sintomas que serão citados abaixo:

> As formas mais graves dessa síndrome apresentam sintomas como os de autodestruição, gestos repetitivos, e raramente comportamento agressivo, que podem ser muito resistentes a mudanças, necessitando frequentemente de tratamento e técnicas de aprendizagem muito criativas e inovadoras. (THE NATIONAL SOCIETY FOR AUTISTIC CHILDREN apud GAUDERER, 1993, p. 4).

A pessoa autista tem limitações em relação à comunicação, interação com ambiente e relacionamentos interpessoais, com isso apresentando essas dificuldades, o mesmo não procura conforto em seus momentos de ansiedade, também possui padrões de comportamentos restritos, repetitivos e estereotipados. Entretanto mesmo com todos esses distúrbios citados, os mesmos podem ser amenizados com estimulação precoces sendo eles com estimulação visual e auditiva. (MENDONÇA, 2013).

Esse transtorno pode vir acompanhado de outros distúrbios sendo eles a depressão, epilepsia, e hiperatividade. Também são apresentados vários graus sendo os mais severos onde o individuo nem fala, olha ou mostra interesse algum, ou mesmo os tidos mais leves onde a pessoa fala, desenvolve bem nos estudos e trabalho e tem bom relacionamento social. (MENDONÇA, 2013).

> A maioria dos estudiosos afirma que o autismo não tem cura, pois mesmo quando há um ótimo desenvolvimento suas características permanecem por toda a vida. Portanto, já existem tratamentos que podem levar a criança a um excelente desenvolvimento e a uma melhor qualidade de vida, ainda mais quando são realizadas intervenções precoces. (SÃO PAULO, 2011, p.5).

Como dito na Cartilha direito das pessoas com autismo (SÃO PAULO, 2011), esse sujeito não tem cura, entretanto podemos afirmar que se o autista estiver em constantes estímulos, o mesmo pode aprender e se adaptar a uma vida normal de socialização com outras pessoas. Até mesmo porque atualmente existem vários tipos de tratamentos e diversos métodos terapêuticos que podem ser utilizados para um melhor desenvolvimento desses tratamentos.

2.3. CRIANÇA AUTISTA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Se tratando do tema de crianças autistas nas aulas de educação física, podemos afirmar que já se tem visto muitos avanços nos dias atuais, e esse necessita de muita atenção, porque mesmo sujeito autista já estando inserido no meio escolar por seu direito como cidadão, onde afirma no Decreto nº 3.298, de 1999, que criou a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de deficiência, tendo como princípios o desenvolvimento de ações conjuntas do Estado e da sociedade civil para a integração da pessoa com deficiência, o estabelecimento de mecanismos legais e operacionais para o devido acesso ao direito dessas pessoas e o respeito, além da igualdade de oportunidades. (BRASIL, 1999).

O autista ainda passa por grandes dificuldades para aprendizagem por não terem uma adaptação apropriada nas aulas de educação física. Pois para pensar na inclusão da criança com deficiência, temos que ter um cuidado especial com o espaço físico, com os materiais didáticos e com a capacitação da equipe pedagógica como um todo além da aprendizagem do aluno.

> Em síntese, a que examinar todas as variáveis do processo educativo escolar, envolvendo as pessoas da escola (educadores, gestores, alunos, apoio administrativo); o ambiente físico (em termos de acessibilidade), os recursos financeiros e materiais (origens, quantidades, periodicidade de recebimento, manutenção de equipamentos e instalações), os graus de participação da família e da comunidade (parcerias), a filosofia de educação adotada (se tradicional ou não), projeto político pedagógico construindo pela comunidade escolar (natureza do documento, autores, destinação), a pratica pedagógica (se mais centrada no ensino ou na aprendizagem), os procedimentos de avaliação (formativa, somativa, formal, informal), dentre outros. (CARVALHO, 2003, p.61).

De acordo co a citação acima, o processo de inclusão deve conter parcerias entre a escola, família, comunidade, estado, dentre outros, para que haja desenvolvimento na aprendizagem das crianças com deficiência.

É de grande valia mencionar que o professor de educação física deve ter habilidades para integrar o seu aluno em suas aulas de forma divertida e motivadora, sempre pensando em contemplar seus objetivos, porém para alcançar esse objetivo é necessário que tenha uma parceria entre a instituição, professor e os pais ou familiares da criança com autismo, pois quando se tem um trabalho em equipe, é certo de que será feito um belo trabalho de desenvolvimento e qualidade para o ensino e aprendizagem do aluno autista. (SOUSA et al. 2014, p. 80).

Para tanto devemos entender a importância da disciplina de educação física não somente para o autista, mas também para todos que estão incluídos no ambiente escolar.

Assim afirma no terceiro parágrafo do artigo de número 26 da lei de número 9.394 de 1996, a disciplina de educação física tem sua grande importância, pois a mesma é obrigatória para o componente curricular na educação infantil e no ensino fundamental. (BRASIL, 1996).

Segundo Gorla (1997, p. 18),

> A Educação Física exerce um papel de fundamental importância para o desenvolvimento do aluno. Através dela podemos proporcionar-lhe condições de vida compatíveis com as da sociedade, buscando assim o caráter da normalização, a instrução, o direito, a socialização e sua conscientização como forma de integração de seu ambiente, respeito as suas diferenças individuais, suas necessidades, possibilidades e limites pessoais [...].

Chicon (2013) diz de maneira geral que as aulas de educação física não são suficientes para inclusão de pessoas com deficiência, sendo chamado em seu artigo com uma expressão falada antigamente, “as pessoas com NEEs, ou seja, necessidades educacionais especiais”, nesse sentido,

> [...] a Educação Física adaptada veio para suprir essa lacuna existente, realizando uma ação paralela à Educação Física geral, desenvolvendo programas de atendimento às pessoas com NEEs em ambientes segregados e em espaço tempo diferentes dos trabalhos realizados com pessoas que não apresentam NEEs. **(**CHICON, 2013, p. 72).

Para isso o professor de educação física deve fazer a diferença em suas aulas, e através dela fazer com que os alunos com deficiência estejam realmente inclusos, onde sintam que fazem parte daquele ambiente, e não somente um lugar de

socialização entre os alunos, “[...], seu conhecimento deve ultrapassar a aceitação de que a classe comum é, para os alunos com necessidades educacionais especiais, um mero espaço de socialização”. (PRIETO, 2006, p. 57).

É importante destacar a fala do autor Blanco (2004, p. 294), onde nos diz o que é de competência do professor,

> Os professores devem conhecer bem as possibilidades de aprendizagem dos alunos, ao que a favorecem e as necessidades mai específicas deles. Somente tal conhecimento poderão se ajustadas e as ajudas pedagógicas ao processo de construção pessoal de cada aluno. Conhecer bem os alunos implica interação e comunicação intensas com eles, uma observação constante de seus processos de aprendizagem e uma revisão da resposta educativa que lhes é oferecida.

Sendo assim, os professores adquirindo esse domínio de conhecimentos sobre os alunos, o mesmo será capaz de analisar as diferentes necessidades dos alunos, para assim poder ajustar e elaborar suas aulas criando atividades adaptadas, e através disso manter uma boa relação e interação com seus alunos e consequentemente poder aprimorar e atualizar seu planejamento de aula melhorando assim o processo de aprendizagem de todos.

Para afirmar isso temos a fala do autor Prieto (2006, p. 57):

> Uma das competências previstas para os professores manejarem suas classes é considerar as diferenças individuais dos alunos e suas implicações pedagógicas como condição indispensável para a elaboração do planejamento e para a implantação de propostas de ensino e de avaliação da aprendizagem, condizentes e responsivas às suas características.

Com isso tendo em vista, o professor venha conseguir alcançar seus objetivos como, por exemplo:

> [...], a criança se socializa, interage uma com as outras, experimenta e ressignifica o mundo, integrando valores e costumes, desenvolvendo também habilidades por meio de atividades espontâneas por meio das quais passa a formar novos conceitos, relacionar suas idéias, desenvolvendo expressão corporal e oral, construindo, assim, por meio do lúdico seu próprio conhecimento e traduzindo o mundo para sua realidade. (MACIEL et al, 2010, p. 45).

Sendo assim independente da condição de seu aluno.

Podemos dizer que nem todas as escolas estão preparadas para receber o aluno com deficiência por muitos motivos, um dos mais importantes que temos que resaltar é porque os professores na maioria das vezes, dizem não se sentirem preparados para trabalhar adequadamente com as diversidades dos alunos ali presentes, e

também porque os outros alunos que não têm deficiência não foram preparados para aceitar/brincar com os colegas com deficiência. (CIDADE; FREITAS, [199-]).

A partir do surgimento da prática da Educação Física Adaptada na década de 1980 (CIDADE; FREITAS, [199-]), o professor passa a adequar suas aulas e usar novas estratégias e conteúdos para trabalhar com a pessoa com deficiência. Chicon (2013) coloca assim em sua fala, somente as aulas de educação física de maneira geral não eram suficientes para a inclusão das pessoas com deficiência, onde eram antigamente chamadas pela nomenclatura de pessoas com NEEs – Necessidades Educacionais Especiais. A esse respeito:

> [...] a Educação Física adaptada veio para suprir essa lacuna existente, realizando uma ação paralela à Educação Física geral, desenvolvendo programas de atendimento às pessoas com NEEs em ambientes segregados e em espaço tempo diferentes dos trabalhos realizados com pessoas que não apresentam NEEs **(**CHICON, 2013, p. 72).

Como podemos observar na fala do autor, o trabalho com as pessoas com deficiência era separadamente das demais pessoas. Foi assim a partir da declaração de Salamanca do ano de1994, e também de outros tratados surgidos, desde então começou o movimento de educação inclusiva.

2.4. ATUAÇÃO DOCENTE EM TEMPOS DE INCLUSÃO

Tratando do assunto de atuação docente em tempos de inclusão, se faz importante destacar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, possui em sua lei de numero 12.014/09, nos artigos 61 e 62, em que fala sobre a formação do profissional da educação, onde diz que:

> Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:
>
> I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio;
> II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas;
> III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim.
> Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos:
> I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho;

> II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço;
> III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades.
> Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.
> § 1º A União, o Distrito Federal, os estados e os municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério (BRASIL, 2010).

Os artigos nos mostra claramente, que há uma necessidade da busca e aprimoramento constante do professor, tanto de maneira formal quanto não formal, pois é importante ter uma relação constante entre teoria e prática, entendendo a formação como um processo construído a cada dia, além disso, o estado tem o dever de proporcionar a capacitação para esses profissionais da educação, fazendo com que estejam a cada dia mais preparados para praticar a inclusão das pessoas com deficiência no âmbito escolar. “[...], a formação enfatiza a importância de seu papel, tanto na construção do conhecimento, como na formação de atitudes e valores do cidadão. Assim sendo, a formação vai além dos aspectos instrumentais de ensino”. (MANTOAN, 2003, p. 44).

Quando falamos de formação docente visando à inclusão devemos pensar em dois fatores como segundo (SAMPAIO, C.; SAMPAIO, S., 2009, p. 75-76),

> [...] tanto elas demandam uma formação específica, isto é, informações gerais sobre as deficiências, quanto salientam a importância de uma formação que desenvolva uma “visão da inclusão”, ou seja, a aceitação das diferenças, o respeito à singularidade.

Então quando professor está em formação é importante estar atendo tanto as questões e assuntos a inclusão e as informações gerais sobre as deficiências.

Segundo Prieto (2006, p. 26)

> Sua formação deve lhes possibilitar a disseminação de conhecimentos sobre pessoas com necessidades educacionais especiais, pela elaboração de referenciais teórico-práticos sobre a aprendizagem e o ensino dessa população e pela construção de referenciais de ação político-administrativa com vistas a, de fato, garantir educação para todos.

Para isso a importância de uma boa formação desde o inicio da graduação do professor, ou seja, uma formação adequada, pois como diz os autores Beltrame e Ribeiro (2004, p.20), “é necessário que o professor tenha uma ampla visão desta área, visão que deve ser proveniente de sua formação acadêmica”. Então é muito

importante o professor enquanto sua formação acadêmica ter disciplinas que tratam a respeito do assunto de inclusão, para assim tem uma boa preparação para pratica da mesma no ambiente escolar.

Deste modo, considerando o trabalho do professor na inclusão de crianças com deficiência, “[...] a predisposição dos professores frente à diversidade tem um papel decisivo na compreensão das diferenças individuais, em sua aceitação e respeito, criando, removendo ou intensificando os obstáculos já existentes”. (CARVALHO, 2003, p. 59). Assim, o professor de Educação Física tem um papel fundamental no processo educativo e inclusivo no aluno com deficiência e, seja ele, estimulando físico, mental e socialmente. Como dito nos parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, (BRASIL, 1997, p. 30), “[...] quem deve determinar o caráter de cada dinâmica coletiva é o professor, a fim de viabilizar a inclusão de todos os alunos. Esse é um dos aspectos que diferencia a prática corporal dentro e fora da escola”.

Porém infelizmente nem sempre esses profissionais estão totalmente preparados para este desafio, e isso acaba trazendo mais dificuldades para tal inclusão.

Para isso cabe a nós entendermos um pouco da importante atuação professor de educação física para com os alunos, e para tal afirmação vale lembrar a lei 9.696 situada no artigo 3º que regulamenta a profissão do mesmo,

> [...] compete ao profissional de educação física “coordenar, planejar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, orientar, ensinar, conduzir, treinar, administrar, implantar, implementar, ministrar, analisar, avaliar e executar atividades, estudos, trabalhos, programas, planos, projetos e pesquisas; executar treinamentos especializados; prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria; participar de equipes multidisciplinares interdisciplinares; elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos; prestar assistência e educação corporal a indivíduos ou coletividades, em instituições privadas ou públicas; prestar assistência e treinamento especializado; coordenar, organizar, supervisionar, executar e ministrar cursos e atividades de orientação, reciclagem e treinamento profissional nas áreas da atividade física e desportiva. (BRASIL, 1998).

Dessa forma, o profissional de Educação Física deve estar ciente o que é de competência dele para que sua atuação como docente, e esteja no caminho mais correto possível para tentar atender os critérios que são apresentados dentro do projeto político pedagógico.

Contudo devemos citar que nos aspectos das práticas inclusivas, temos que pensar o tamanho da importância, que tem a formação do professor de educação física, para atuar na inclusão com sucesso. Neste sentido devemos nos perguntar qual

melhor forma de preparar desse futuro docente na faculdade, para que venha atuar com mais frequência à inclusão de pessoas com deficiência no ambiente escolar.

Sabemos que até recentemente somente os professores que tinham interesse pela educação especial são os que faziam especialização específica ou formação continuada, fazendo depois suas escolhas profissionais onde se envolviam ou não com a educação especial.

Tendo em vista que a demanda da inclusão chegou à escola antes mesmo da preparação do professor para inclusão usou-se como solução a capacitação profissional em serviço, através dos programas de formação continuada. (SERRA, 2004).

Prieto (2006, p. 57) vem no dizer que,

> A formação continuada do professor deve ser um compromisso dos sistemas de ensino comprometidos com a qualidade do ensino que, nessa perspectiva, devem assegurar que sejam aptos a elaborar e a implantar novas propostas e práticas de ensino para responder às características de seus alunos, incluindo aquelas evidenciadas pelos alunos com necessidades educacionais especiais.

Tratando de formação docente, devemos pensar o que deve ser feito para que o profissional de educação física deva fazer para estar preparado nesse contexto de inclusão que tanto falamos atualmente, a esse respeito devemos relatar também a grande importância da formação docente para essa preparação para o trabalho de inclusão de pessoas com deficiência no ambiente escolar.

> As práticas pedagógicas eficazes e apropriadas às deficiências são imprescindíveis para a evolução dos alunos, e isso o professor só consegue planejar e desenvolver quando recebe o referencial teórico e a assessoria pedagógica adequada. (SERRA, 2004, p. 29).

Podemos perceber na fala do autor, que o professor de Educação Física precisa estar sempre atualizado e fazer uso de bons planejamentos com bases teóricas adequadas para lidar com a inclusão, assim podemos afirmar como o autor Silva e Arruda (2014), diz que é de extrema importância ter um planejamento flexível, para assim poder se adaptar as necessidades das crianças, pois o professor como papel de mediador e facilitador para organização de seus alunos, para de forma possibilitar uma melhor interação entre os alunos mesmo sendo de níveis diferentes, e também incluindo todos seja em qualquer conteúdo proposto pelo professor.

De acordo com os autores citados acima, o professor tem que adquirir conhecimentos variados na área da inclusão, e também fazer uso de planejamentos

para ter um bom desempenho em suas aulas, porém percebe-se na fala de um dos autores, que é importante se ter uma assessoria pedagógica adequada para ajudar alcançar os objetivos de inclusão da melhor forma possível. Assim utilizando como estratégia a troca de experiência e diálogos entre os diversos indivíduos que compõem a equipe multiprofissional, ou seja, essa parceria acaba facilitando a busca pela solução dos problemas com o intuito a possibilitar aprendizagem a todos no meio escolar. (BIANCONI; MUNSTER, 2009).

Assim na resolução CNE/CEB de n.º 2 § 1º do ano de 2001, nos afirma que o profissional de educação física dever ser considerado capacitado para atuar com inclusão nas aulas, a referida formação deve garantir o desenvolvimento de competências e valores para:

> I - perceber as necessidades educacionais especiais dos alunos e valorizar a educação inclusiva;
>
> II - flexibilizar a ação pedagógica nas diferentes áreas de conhecimento de modo adequado às necessidades especiais de aprendizagem;
> III - avaliar continuamente a eficácia do processo educativo para o atendimento de necessidades educacionais especiais;
> IV - atuar em equipe, inclusive com professores especializados em educação especial. (BRASIL, 2001).

Então o professor deve se atualizar continuamente, conhecer seus alunos em suas particularidades, e também avaliar/diagnosticar a evolução dos mesmos, para assim poder sempre melhorar ou adequar suas aulas, para que seus alunos com deficiência possam realmente estar inclusos em suas aulas. “[...] É preciso promover a sua continuidade, com aprofundamento das reflexões e da formulação de proposições para construir alternativas de escolarização para todos”. (PRIETO, 2006, p. 103).

Porém, se faz necessário, a continuidade de cursos de formação, e também levar em consideração as experiências que devem ser adquiridas em momento de prática das aulas. “[...] é somente com base nele que sua prática pode ser revisitada e aperfeiçoada!”. Essa afirmação também pode ser encontrada nas palavras de Prieto (2006).

> [...] o conhecimento dos domínios teóricos e práticos dos professores é essencial para subsidiar a formulação de políticas para a sua continuada formação pelos sistemas de ensino. Isso impõe a necessidade de levantar informações sobre esses para, pelo menos, identificar seu perfil acadêmico e sua experiência com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais e projetar formas de lhes prover esse conhecimento, aproximando o conteúdo da formação às suas expectativas e necessidades. (PRIETO, 2006, p. 59).

Entende-se que o professor de educação física tem que adquirir uma bagagem grande de conhecimentos e experiências para tratar da prática do assunto inclusão, com isso é muito importante à fala dos autores Cruz e Ferreira (2005, p. 164), “a formação do professor entendida como um processo dinâmico longe de ter um ponto final pré-estabelecido por ocasião de uma formação prévia, inicial ou básica”.

Sempre devemos destacar a importância pela a busca e aprimoramento dos conhecimentos, dessa forma tratando de uma aprendizagem contínua e sem fim, pois devemos fazer da inclusão um gesto normal e natural em nossa sociedade.

Segundo destaca Cruz e Ferreira (2005, p. 163):

> Em boa parte das discussões e textos elaborados sobre este assunto a formação/preparação dos professores é invocada. Cumpre, entretanto, perceber que essa preparação não se encerra ao final de um curso de graduação. Muito menos se deve ter em mente que a pós-graduação (seja no nível “lato” ou “stricto” [sic]) será redentora de uma formação lacunar, assim como a experiência profissional, por si só, não o fará.

Percebe-se pelas falas dos autores que muito já se tem produzido sobre atuação docente em tempos de inclusão, entretanto ainda tem muito a ser pesquisado e falado sobre o mesmo para obtermos mais avanços na área da inclusão de pessoas com deficiência no âmbito escolar.

3 METODOLOGIA

Para tratar da metodologia desse trabalho, devemos primeiramente entender um pouco o que é uma pesquisa. Para isso Gil (2010, p.1), nos trás uma definição de que é uma pesquisa, sendo assim um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar as respostas aos problemas que são propostos. Nessa perspectiva, o objetivo dessa pesquisa é através das experiências obtidas por alguns professores, poder identificar quais são as práticas pedagógicas e dificuldades encontradas por esses profissionais com o trabalho na perspectiva da inclusão com crianças autistas, e a mesma foi escolhida para melhor entender como se dá essa prática nas instituições onde esses professores estão atuando, sendo assim em diferentes ambientes, onde encontram se escolas públicas e privadas. Dessa maneira a pesquisa foi feita em uma duração média de seis meses.

Segundo Gil (2010, p. 102-103):

> Para a coleta de dados nos levantamentos são utilizadas as técnicas de interrogação: o questionário, a entrevista e o formulário. Por questionário entende-se um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado. Entrevista, por sua vez, pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação "face a face" e em que uma delas formula questões e a outra responde. Formulário, por fim, pode ser definido como a técnica de coleta de dados em que o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas.

Essa pesquisa foi realizada através de entrevista que para os autores Marconi e Lakatos (2011, p. 280), “trata-se de uma conversa oral entre duas pessoas, das quais uma delas é o entrevistador e a outra o entrevistado”. Então mais especificamente foi utilizado nessa pesquisa uma entrevista despadronizada ou semi-estruturada que segundo Marconi e Lakatos (2011, p. 281), e pode ser chamada de assistemática, antropológica e livre, porque o nesse caso o entrevistador tem liberdade de aprofundar e desenvolver mais na entrevista para assim poder explorar mais amplamente na interrogação de seu entrevistado. Para isso essa entrevista foi escolhida com finalidade de aprofundar nos relatos dos professores, para fins de saber como foi seu primeiro contato com a inclusão do aluno autista e a continuação dessa experiência desde sua formação docente até os dias de hoje, e visando também o apoio entre a equipe pedagógica das instituições e os familiares.

Essa pesquisa também foi do tipo descritivo-exploratória, onde segundo Gil (2008, p. 27-28), as define de forma separadamente, sendo que “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. E define pesquisas descritivas como as que “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis”.

Portanto as descrições dos relatos que foram coletados através das entrevistas terão um papel de suma importância para nossa reflexão sobre a inclusão do sujeito autista, nos trazendo esclarecimento em nosso pensamento de como realmente funciona tal inclusão na atualidade, e com isso nos ajudando no desenvolvimento e avanço de novos trabalhos nas aulas de educação física com relação à inclusão.

Assim é importante destacar que a pesquisa foi realizada de dois métodos diferentes onde um complementa o outro sendo eles uma pesquisa bibliográfica que segundo o autor citado abaixo,

> A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela internet. (GIL, 2010, p. 29)

De acordo com Gil (2010, p. 30), “A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos”. Sendo assim um método indispensável para essa pesquisa, mas também será utilizado outro método, onde para (GIL, 2002), pagina 53 o estudo de campo,

> [...] procura muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta muito maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo da pesquisa.

“[...] Como não requer equipamentos especiais para a coleta de dados, tende a ser bem mais econômico. E como o pesquisador apresenta nível maior de participação, torna-se maior a probabilidade de os sujeitos oferecerem respostas mais confiáveis.” Gil (2002, p. 53).

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 32) caracterizam a pesquisa qualitativa:

> [...] objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Marconi; Lakatos (2011, p. 272) explica que na pesquisa qualitativa devemos fazer uma coleta de dados para enfim poder elaborar a “teoria base”, que pode ser uma teoria conceitual, onde será necessário correlacionar a pesquisa com o universo teórico.

Essa pesquisa foi realizada em quatro escolas, sendo elas situadas no município de Vitória e Cariacica.

Para efeito de comparação, os sujeitos escolhidos para pesquisa, foram quatro professores sendo eles escolhidos por ter conhecimento de que os mesmos têm e/ou tiveram vivencias na educação regular trabalhando com crianças com deficiência intelectual.

Segundo Markoni e Lakatos (2011, p. 273), “[...] podem-se usar diversas ferramentas, a fim de conseguir informações importantes e valer-se de gravações, anotações, fotos, computadores para registrar os dados.” Dessa forma foi feita pessoalmente uma entrevista semiestruturada para melhor entendimento, aprofundamento e analise, onde se utilizou para coleta de dados um aparelho de celular, depois foram transcritos na integra para um notebook, para através das interrogações fazer uma analise mais detalhada dos dados coletados e compreender da melhor forma possível para assim obter um resultado atual do que está sendo vivido pelos profissionais de educação física na área da inclusão de pessoas com deficiência.

Para obter um bom resultado, é preciso que o pesquisador tenha sensibilidade e que o mesmo seja imparcial e não interfira nas respostas dos entrevistados. (MARCONI; LAKATOS, 2011).

Esses dados foram coletados em tempo previsto de 12 a 28 minutos aproximadamente e nos dias 20 a 27 de abril.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse capítulo de análise se baseou no entendimento sobre como se dá a experiência do professor de educação física quando entra na escola e se depara com a inclusão de pessoas com deficiência, principalmente se tratando do sujeito autista, onde sabemos que esse sujeito tem muita dificuldade em interagir com o meio social, ou seja, é difícil o professor incluir o autista em suas aulas porque o mesmo tem suas limitações e uma de suas características é o de isolamento, onde assim não consegue ficar muito próximo a outras pessoas, desse modo, mesmo com os avanços obtidos no ensino regular, ainda está longe de realmente ter uma total inclusão de esse sujeito nesse contexto. Desse modo analisamos como foi esse primeiro contato do profissional com a inclusão, mesmo sabendo que cada professor tem sua vivencia, experiência, visão e pensamento sobre a inclusão. Para melhor analise de dados esse capitulo foi subdividido em cinco tópicos, onde em cada tópico iremos tratar de vários fatores e assuntos ocorridos nessa pesquisa.

Nesse sentido o primeiro fator analisado foi referente à formação do professor de educação física, e como foi sua preparação enquanto formação docente, para depois em sua vida profissional no ambiente escolar, e diante as respostas obtidas podemos perceber que atualmente o professor em sua formação docente, já está de certa forma sendo assim melhor preparado para praticar a inclusão de pessoas com deficiência nas aulas de educação física.

No seguinte fator abordamos com o foi estar em contato com a inclusão e se aconteceu em sua formação docente uma preparação e se a mesma foi suficiente o bastante para conseguir de fato colocar em prática a inclusão desses sujeitos no ensino regular.

No entanto buscamos entender como se dá o trabalho do profissional para com os alunos nas aulas de educação física, ou seja, colocando em pratica a teoria aprendida na formação acadêmica e também como se dá o relacionamento dos alunos em aula, como funciona o relacionamento dos alunos tidos “normais” com o colega autista nas aulas de educação física.

Tratamos também de outro fator muito importante, que é entender como o professor trabalha com aluno autista em suas aulas, mesmo sabendo que tem que dar conta de determinada quantidade de alunos, sendo que cada um deles tem suas

diferenças e especificidade, ou seja, como o professor pode fazer a inclusão de um aluno autista tendo em sua sala uma grande variedade de crianças com personalidades diferentes e vindas de contextos diversos. Assim já sabendo que não é fácil o profissional de educação física conseguir atingir a todos com seu conteúdo previsto para o plano de aula, porém também sabendo que não é impossível trabalhar com todos os alunos ao mesmo tempo, pois cada dia de aula onde todos juntos, aprendemos uns com os outros e trocamos conhecimentos diários.

Dentre todos passamos para um fator um pouco mais polêmico, onde em nossa realidade atual, não sabemos se realmente há uma parceria entre professor, escola e família, mesmo sabendo da grande importância que há nesse trabalho em equipe, para que haja realmente um bom desempenho e avanço para inclusão de crianças com deficiência no ensino regular.

Para obtermos esses resultados, buscou-se analisar as respostas das entrevistas de quatro professores de educação física graduados em licenciatura plena e todos atuando ativamente com o ensino regular, sendo que um deles já trabalhou diretamente em uma instituição que trata de pessoas deficientes, cujo nome é Associação de Pais, Amigos e Pessoas com Deficiência, de Funcionários do Banco do Brasil e da Comunidade (APABB), porém hoje trabalha somente em uma escola de ensino regular privada e também não se encontra com nenhum aluno autista, ou pelo menos não tem nenhum com laudo medico que confirme o caso, o professor mesmo tendo grandes experiências com autistas como relatado por ter trabalhado na instituição citada acima. De outro lado temos duas professoras que além de estar no ensino regular tratando diretamente com aluno autista, no contra turno as mesmas trabalham diretamente com várias pessoas com deficiência, por trabalharem na instituição Associação de Paes e Amigos dos Excepcionais (APAE), sendo que uma trabalha no período da manhã e a outra no período da tarde, mas também as duas atuam ativamente em escolas regulares.

Para preservar a identidade de cada professor (a), não utilizaremos nomes e nenhuma identificação dos mesmos nessa pesquisa, e sim identificaremos cada um com os nomes de “professor A” para o professor que dá aula em uma escola privada de Vitória, “professor B” para outro professor de escola privada também de Vitória, “professor C” para outro professor que trabalha atualmente na escola pública de Cariacica e “professor D" para outro professor que trabalha em outra escola pública

de Cariacica, Sendo assim todos tratados com o gênero masculino, e também para não expor o nome dos alunos foi utilizados um termo genérico “aluno” para identificá-los, assim preservando sua identidade.

4.1 FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIENCIA

Seguindo a metodologia utilizada, que foi de entrevistar quatro professores de escolas públicas e privadas, analisamos então nesse momento, como a formação impacta na sua atuação profissional em tempos de inclusão.

Identificamos que três dos quatro professores tiveram uma formação parecida, por que enquanto estavam no tempo de formação já havia em sua grade curricular disciplinas que se tratavam de inclusão, como a disciplina de educação física adaptada e educação física, diversidade e inclusão, e dentre esse três professores em especial teve um professor que nos afirmou a importância do ensino aprendizagem dentro da faculdade com disciplinas especificas na área da inclusão, e o mesmo nos relata que esse ensino é fundamental para abrirmos nossas mentes e nos alertar para os desafios e dificuldades a serem encarados com a inclusão na escola, mas também essas disciplinas servem para nos motivar, porque existem varias formas e possibilidades de se trabalhar com pessoas com deficiência nas aulas de educação física. (PROFESSOR A).

Um dos professores entrevistados nos relatou que teve mais experiência em sua formação acadêmica, porque trabalhou diretamente com pessoas com deficiência quando estava ainda em formação, podemos entender melhor essa colocação do professor A em sua fala a seguir:

> *Sim, na UFES nós tivemos! Lá tem um grupo chamado LAEFA (laboratório de educação física adaptada), e tem uma APAE que frequenta, e lá os professores colocam os acadêmicos para lidar diretamente com as crianças com deficiência, e com isso a meu ver tivemos uma ótima preparação.* (PROFESSOR C).

Através dessa fala nos deixa bem claro da importância de ter uma vivencia/experiência com a inclusão ainda quando se está em formação acadêmica. Dessa forma, é importante destacar a experiência que o professor tem em sua formação como fator importante para a sua prática profissional, como destaca Castro (2005, p. 424), quando diz que “A experiência prévia do professor com

assuntos em torno de deficiência, diversidade e inclusão, em geral, é adquirida na etapa de sua formação". Assim entendemos o quão são válidas as experiências obtidas quando ainda o professor está em sua formação, e quanto mais cedo tiver contato com o assunto de inclusão, mais fácil será sua pratica no meio escolar.

No entanto de todos entrevistados nesta pesquisa, uma professora nos relatou não ter tido uma boa preparação, pois em sua formação não havia disciplinas que abordava esse contexto de inclusão. Assim podemos ver em sua própria fala, *"Na minha graduação não, mas depois que eu me formei em 2006, logo após eu soube que entrou uma disciplina própria para educação adaptada, só não me lembro do ano, mas sei que depois entrou uma disciplina na grade curricular [...]".* (PROFESSOR D).

Devemos deixar bem claro que ouve um erro na fala do professor D, quando diz não ter tido em sua formação uma disciplina que se tratava de assuntos referentes à inclusão, pois não sabemos por qual motivo a mesma relatou não ter tido essas disciplinas, mesmo sabendo que em 2006 a faculdade onde se formou já havia em sua grade curricular disciplinas que abordasse esse assunto, entretanto não estamos aqui para questionar se a professora mentiu ou se ouve um esquecimento momentâneo dos fatos ocorridos em sua formação, nosso pensamento deve ir, além disso, pois sabemos que muitos professores que atuam na área de educação física em escolas e não receberam em sua formação conteúdos e/ou assuntos referentes a educação física adaptada ou a inclusão. (CIDADE; FREITAS, [199-]).

Assim, mesmo tendo conhecimento de que vários professores não tiveram em sua formação acadêmica uma disciplina que tratasse do assunto de inclusão, sabemos que não podemos utilizar isso como desculpa de são saber incluir o aluno com deficiência em suas aulas, porque mesmo a professora D, dizendo não ter tido essas disciplinas, hoje a mesma faz um excelente trabalho com seu aluno a respeito da inclusão.

Entretanto dando continuação em entrevista o mesmo professor D que disse não ter tido nenhuma preparação em sua formação docente, nos relatou que havia passado por uma experiência que marcou muito em sua vida profissional posteriormente, onde podemos ver em seu próprio relato esse fato em que,

> *Eu me lembro de ter feito uma aula na faculdade de ginástica geral, onde o professor levou crianças da APAE de Vitória, e nós formamos grupos e cada grupo montava uma série de exercícios pra trabalhar com os meninos da APAE, e eu gostei muito dessa aula. Assim logo que terminei eu na*

> *faculdade, fui fazer a pós em educação especial porque gostei e me identifiquei muito através daquela aula.* (PROFESSOR D).

Esse foi um dos fatos que me chamou bastante atenção, porque mesmo a professora D de educação física escola pública não venha ter em sua formação acadêmica uma disciplina em que tratasse de inclusão de pessoas com deficiência, a mesma em uma simples vivencia em meio a uma aula na faculdade, fez com que ela se identificasse com essa experiência, e com isso desenvolveu em si um grande desejo de se aprofundar no assunto da inclusão de pessoas com deficiência no ambiente escolar, e assim fez com que tivesse a iniciativa de buscar especializações para saber como trabalhar com a inclusão em suas aulas.

Se tratando de especializações, o assunto foi abordado nas entrevistas, e de fato foi importante saber que os professores da área de educação física estão a cada dia mais se preocupando em incluir seus alunos com deficiência em suas aulas, com isso a maioria deles disseram se especializarem de várias maneiras, sendo ela como formação continuada, especializações, palestras em congressos, estudos de artigos e pesquisas em internet como afirma o professor C, *"[...] fiz educação especial inclusiva, transtorno e déficit de atenção e hiperatividade, inclusão, formação de atendimento especializado em deficientes auditivos, intermediário de libras e pós em libras".* Para complementar a afirmação acima aqui está à fala do outro professor entrevistado, "*[...] fiz uma pós em educação especial e depois fiz libras no ano de 2010, mas também participo muito de palestras em congressos e procuro sempre estudar pela internet em sites, artigos e livros, pois hoje a internet é um mundo de informações".* (PROFESSOR D). Depois dessas narrativas podemos perceber que existem vários meios de informações disponíveis para o professor se especializar e se atualizar num assunto tão atual como a inclusão de pessoas com deficiência, também podemos dizer está mais fácil acesso a essas especializações da área de inclusão, pois os mesmos são ofertados em várias instituições de ensino.

Entretanto, é importante deixar a narrativa de um entrevistado antes de terminar esse tópico que fala especificamente da formação docente e especializações, onde a mesma expõe que todo ensino e aprendizado obtido na faculdade nunca serão suficientes.

> *Olha! O ensino e aprendizado que a gente tem dentro da faculdade são muito importantes, são fundamentais para abrir a nossa mente dos desafios que vamos enfrentar quando viermos para escola, mas nunca é suficiente, porque não existe uma receita pronta pra eu chegar aqui e saber trabalhar*

> *com autista ou trabalhar com outras deficiências, a gente não tem, é sempre uma incógnita. Porque além da pessoa ter a deficiência ela ainda tem a personalidade dela, então pode ser que seja uma personalidade que, não vai interferir na aula de educação física ou pode ser uma personalidade que vai interferir na educação física, na aula de educação física. Então por exemplo às disciplinas que a gente tem na faculdade elas são superimportantes pra poder nos alertar quanto às dificuldades que vamos enfrentar (um curto prazo de silencio), nos motivar que existem possibilidades de a gente trabalhar sim com esses alunos deficientes, mas que é suficiente... Nunca!* (PROFESSOR A).

Com essa fala podemos dizer que o professor em meio a sua formação tem somente uma base de que existem pessoas com deficiência e que as mesmas são sujeitos de direitos, e com isso devemos saber como incluí-lo nas aulas para assim dar a esse aluno variados tipos experiência que venham assim melhorar seu desenvolvimento como todo assim pode se afirmar que através dessas vivencias o aluno, se desenvolve fisicamente, intelectual, afetiva e socialmente, e através delas que a criança amplia seu mundo, ressignifica, forma novos conceitos e constrói seu próprio conhecimento. (MACIEL et al, 2010).

Devemos como professores sempre estar nos atualizando para em meio às dificuldades enfrentadas nas escolas, seja a respeito da inclusão ou não, sempre termos condições de solucionar tal dificuldade da melhor maneira possível.

4.2 ESTAMOS PREPARADOS PARA PRÁTICAR A INCLUSÃO NO AMBIENTE ESCOLAR?

Começamos esse tópico nos perguntando, será que os professores atualmente estão se sente preparados para trabalhar com inclusão no ambiente escolar?

Nessa pesquisa procuramos saber o que os entrevistados pensam sobre esse assunto, e percebemos que hoje os professores estão a cada dia ficando mais preparados para inclusão de pessoas com deficiência no ambiente escolar, porém achamos de grande valia destacar a resposta de uma professora que diz:

> *Toda vez que você olha para um aluno, com ou sem deficiência, é um desafio! Mas, estar preparada para dar aula para um deficiente, sempre será mais difícil, porque tem todas as especificidades do aluno, da deficiência dele, e tem as nossas limitações, porque além daquele aluno com deficiência, a gente tem que dar conta também de toda turma. Então como que é eu digo assim: Eu me sinto disposta, a ir lá e enfrentar o desafio e fazer o que eu puder para o desenvolvimento daquele aluno, assim como é claro de toda turma, mas preparada (um pequeno momento de silencio na fala). Nunca eu acho!* (PROFESSOR A).

Essa fala nos deixa bem claro que não basta somente ter uma boa preparação para inclusão, pois dificuldades o professor sempre terá em suas aulas mesmo com os alunos sem deficiência, pois cada um tem sua especificidade, e o professor tem que dar conta das demandas, e além dar atenção para todos os alunos e em especial o aluno com deficiência, como afirma o professor B*, "[...], às vezes o que a gente tem dificuldade é por conta das demandas de você conseguir dar uma atenção especial para o aluno com deficiência, ainda mais com uma turma grande e de diversos tipos de alunos, [...]".* Quando se tem uma pessoa com deficiência dentro da turma, temos que pensar na aula para todos e não somente para um ou para outro, isso porque a inclusão para ser feita depende também de todos os alunos ali inserido, mas dentre os fatos de tudo o mais importante é o professor estar disposto a enfrentar essas dificuldades e desafios, como diz mais acima a professora entrevistada, ou seja, devemos estar aberto a aprender lidar com essas diferenças, pensando sempre no desenvolvimento da turma para o futuro de uma sociedade mais inclusiva. "O contato com as diferenças dentro do programa inclusivo permite a quebra de alguns preconceitos com a população deficiente. O aumento nas oportunidades de socialização por si só leva a uma mudança nas atitudes e valores pessoais". Assim afirma o autor Castro (2005, p. 435).

De tudo que foi falado nesse tópico, mesmo sabendo que existem esses desafios a ser enfrentado, o que acabou nos surpreendendo foi de ter respostas positivas, pois percebemos em meio às respostas dos professores, a cada dia estão praticando a inclusão com mais facilidade no ambiente escolar, talvez isso seja por causa da preparação feita durante sua formação ou até mesmo após, mas também pelas vivencias e experiências obtidas como mostra na resposta do entrevistado, *"Hoje eu tenho mais confiança, e não vou com tanto medo, um pouco apreensiva sim por causa do primeiro contato, mas com medo não. Por causa das vivencias que já tive, hoje não tenho medo e nem insegurança"*. (PROFESSOR C). Isso é muito bom, pois mesmo havendo um pouco de insegurança pelo primeiro contato, sua confiança no trabalho nos revela pontos positivos de que a inclusão está sendo feitas, e melhor ainda é ouvir de um entrevistado a seguinte fala, *"Quando eu fui trabalhar no ensino regular já fui preparada, então não tive muita dificuldade não. Acho que é porque me identifiquei muito com o trabalho de inclusão, eu gosto muito de estar com eles!".* (PROFESSOR D). Nessa fala temos a certeza de que o professor a cada dia está

mais confiante e preparado para colocar em prática a inclusão de pessoas com deficiência, e melhor ainda é saber que essa prática está sendo feita de forma natural, sendo assim o jeito mais certo de ser praticado.

Quando falamos com os professores sobre seu pensamento a respeito da inclusão em geral, tivemos algumas respostas interessantes, onde dois dos entrevistados tem pensamentos parecidos em que "*Eu acho que já tivemos avanços em relação à inclusão, mas tem muito a fazer ainda, [...]",* (PROFESSOR D), mas complementando com a resposta da outra professora entrevistada, podemos ver claramente esses avanços a respeito da inclusão,

> *O que eu percebo desde a minha formação, é que a inclusão vem se desenvolvendo em todo o processo, tanto nas prefeituras quanto no estado, pois antigamente não tinha as salas de AEE, as escolas que estão sendo construídas já com as adaptações para pessoas com deficiência, também hoje estão tendo os professores especializados para o atendimento a essas pessoas.*
> *Eu acho que já teve um grande avanço, mas tende a melhorar muito ainda.* (PROFESSOR C).

Nas narrativas acima podemos perceber que já se teve muitos avanços, entretanto ainda há bastante coisa para mudar para se ter uma escola totalmente inclusiva.

Também foi abordado na entrevista sobre a inclusão do autista da mesma forma os pensamentos são bem parecidos, onde os entrevistados dizem não ser fácil incluir o autista em suas aulas, mas também deixam bem claro que não é impossível, para tal afirmação, *"É difícil! Porque o autista não consegue ficar muito com as outras pessoas, mas também não é impossível incluir eles nas aulas não"*. (PROFESSOR A), entendemos quando os professores falaram não ser fácil, isso porque o autismo tem sua característica de isolamento fazendo então com que fique mais difícil ser trabalhado em aula, porém uma fala nos chamou atenção foi que,

> *Eu acho que é muito possível, a criança autista ela tem a característica de querer participar e querer fazer. Têm as peculiaridades dela, que às vezes ela vai estar no mundo dela, ela não vai querer fazer nada, mas de outra forma também ela acaba se envolvendo.* (PROFESSOR A).

Então podemos entender que mesmo o aluno tendo essa característica o professor deve ser sensível em seu planejamento para atender a todos. Entretanto o outro professor pensa de outra forma e que nos é interessante destacar,

> *Eu acho que sim, mas depende muito do caso em especifico, eu acho que alguns casos a gente não consegue atingir nessas demandas de escolas "ditas normais", onde tem 30 alunos e às vezes você finge que dá atenção, mas na verdade você não dá conta.* (PROFESSOR B).

Essa é uma realidade, pois nem todos os professores conseguem alcançar os objetivos de seu plano de aula, para com os alunos, por isso é muito importante o professor conhecer seus alunos entendendo suas diferenças e especificidades, para que possa planejar um plano de aula que tente abranger a todos e não somente uns alunos.

Assim devemos pensar de como é importante conhecermos nossos alunos, e saber do que se trata sua deficiência, pois sabendo dessas informações talvez o professor consiga atingir os objetivos do plano de aula e com isso, possa contribuir para o desenvolvimento de todos no momento das aulas. Assim podemos afirmar como Cidade e Freitas (2009, p. 15), quando diz:

> É importante que o professor tenha os conhecimentos básicos relativos ao seu aluno como: tipo de deficiência, idade em que apareceu a deficiência, se foi repentina ou gradativa, se é transitória ou permanente, as funções e estruturas que estão prejudicadas. Implica também que conheça os diferentes aspectos do desenvolvimento humano: biológico, cognitivo, motor, sociointeracional e afetivo-emocional.

Sabendo disso foi perguntado aos professores qual nível de conhecimento sobre o autismo, e em suas afirmativas podemos perceber que todos os entrevistados três dizem ter conhecimento sobre as características do autismo e por ter trabalhado com vários alunos autistas, porém uma professora nos relatou *"Eu sempre pesquiso, mas não conheço muito não, mas sei que eles vivem em seu próprio mundo." (PROFESSOR A)*. Contudo sabemos que é muito importante o professor buscar conhecimentos a respeito da deficiência de seu aluno, para assim poder entender e saber como trabalhar para um bom desenvolvimento de seu aluno nas aulas de educação física.

4.3 PRIMEIRO CONTATO E COLOCANDO EM PRÁTICA A INCLUSÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Buscamos nesse tópico entender mais profundamente de como é colocar em prática a inclusão, e com isso perguntamos se esses professores estão trabalhando com alunos autistas e somente um dos entrevistados falou que no momento não tem alunos autistas, e atualmente está trabalhando com alunos com outras deficiências, porém já trabalhou com vários ao longo de sua vida profissional.

Sabendo que todos os professores tem contato com a inclusão perguntamos como foi para eles saber que iria dar aula para uma criança com deficiência e principalmente com crianças autistas, com isso as respostas foram a grande maioria tratadas como desafio como fala do professor "*Eu sempre levei mais para o lado do desafio! O desafio foi o primeiro impacto, o que vou fazer e que posso ser útil para trabalhar com aquele aluno. Em nenhum momento eu falei que não iria conseguir!" (PROFESSOR B).* Interessante é ver sua preocupação em saber como iria incluir seu aluno autista em suas aulas e também ver sua confiança como um bom profissional, onde sabia que iria de alguma forma arrumar uma maneira de ajudar no desenvolvimento de seu aluno e que iria conseguir e nenhum momento pensou em desistir, olhando sempre como desafio a ser enfrentado. Como relata na fala do *Professor D, "Na verdade acho que todo mundo sente preocupação no primeiro momento, mas como gosto dessa área, encarei mais como um desafio mesmo".* Mostra uma preocupação que provavelmente a grande maioria dos professores deve ter ao primeiro contato com a inclusão dessas crianças, porém também o trata como encarar mais um desafio.

A professora demonstra grande satisfação ao saber que teria um aluno autista em sua turma e isso me chamou bastante atenção, pois geralmente o que mais escutamos, é que existe certo medo por parte dos professores de saber que vai trabalhar com aluno autista, porém em sua fala nos deixa bem claro do quanto ela se sentiu realizada com a notícia, pois com a mesma disse: *"Eu sempre gostei, e fiquei muito feliz em saber que tinha um aluno autista na minha turma, porque eu sabia que iria ter um pouco mais de trabalho, mas fiquei super feliz em saber que iria incluir ele nas minhas aulas!". (PROFESSOR C).* Com isso nos deixa claro que essa professora gosta dos desafios da inclusão.

4.4 PROPOSTAS PEDAGÓGICAS E CONTEUDOS: O CAMINHO PARA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIENCIA

Nesse tópico da pesquisa buscou-se entender como são planejadas as aulas de educação física, e qual metodologia são utilizadas para esse planejamento para realizar as aulas, para isso na fala do professor C: *"Eu pesquiso na internet, leio muito Chicon, que também foi meu professor e ele tem vários livros e artigos, mas*

gosto muito de ler artigos de pessoas que desenvolveram trabalhos com essas crianças". Como esse os outros professores também são acostumados a planejar suas aula com auxilio de livros, artigos, site e blogs, porém uma fala em especial não podemos deixar de citar, pois para o professor B, *"[...], como a bagagem teórica me ajuda muito, a bagagem pratica, a vivencia com outros educadores, as vezes em troca de experiências, tudo isso vai moldando e vai trazendo para o cotidiano de aulas praticas, até de entendimento de educação física".* Nesse sentido, nos revela a importância do conhecimento teórico, também da vivencia na pratica, mas também da troca de experiência vividas, e que os professores passam uns para os outros, fazendo assim, com que as aulas possam ser moldadas com melhorias, ou seja, com essa atitude de troca de experiências dos professores pode trazer uma gama de possibilidades para o trabalho com esses alunos em suas aulas.

Quando lhes foi abordado à questão da participação de seus alunos quanto às aulas planejada, as respostas foram bem parecidas, pois todos entrevistados planejam suas aulas para que todos participem, porém como diz o professor C. *"A gente planeja, mas às vezes nem os ditos "normais" não conseguimos alcançar, imagina as crianças autistas".* Assim entendemos que nem todos os planejamentos feitos conseguem alcançar os alunos como um todo, porém esse planejamento não dever ser diferente para cada aluno, senão mudaria o objetivo, que é praticar a inclusão atualmente.

Para isso achamos importante destacar duas afirmativas, onde as professoras expressão em suas falas a diferença de duas escolas ao tratar a inclusão, sendo isso voltada para as crianças ali inseridas.

A primeira fala é do Professor A, que diz:

> *Eu não faço um plano de aula separado, porque ai seria uma escola especial, onde eu faria um plano para ele, mas aqui eu não faço! É o mesmo plano de aula, e eu insiro meu aluno com deficiência dentro da minha aula. Eles conseguem brincar e interagir normalmente nas aulas, talvez se fosse outra escola seria mais difícil, mas aqui como é uma escola confessionário, onde tem fé e regras, estuda e acredita na bíblia, onde a gente trabalha muito o amor e companheirismo, então eles incluem os colegas, mesmo tendo aqueles que não incluem, mas a maioria inclui.*

Nessa fala podemos ver como a escola pode influenciar no tratamento das crianças, onde como a professora diz ser uma escola confessionário, onde tem regras a serem seguidas e estuda e acredita na bíblia, onde os professores trabalham muito o amor e companheirismo. Por outro lado temos a fala do Professor D, *"Eu planejo*

uma aula para todos, mas se deixar os alunos exclui o autista porque eles acham que ele não é capaz, mas quando eu o coloco para fazer a atividade, os outros alunos acabam aceitando e fazendo a aula como planejada". Assim nessa escola podemos ver que a inclusão se torna um pouco mais difícil de ser praticado por causa dos alunos tentarem excluir o autista por achar que o mesmo é incapaz de praticar tais atividades propostas pelo professor (a), porém na mesma fala podemos perceber que o professor (a) se impõe e não deixa que seu aluno seja excluído da pratica, assim é importante afirmar a atitude do professor diante da turma. Como mostra segundo Castro (2005, p. 189), "O professor deve demonstrar autoridade apropriada. Ele deve certificar-se de que os alunos sabem que ele é competente para lidar com qualquer situação, [...]", afirmando a respeito da competência do professor nessa fala como segundo Blanco (2004, p. 294) diz, "O trabalho do professor competente é ajudar todos os alunos a construir aprendizagens significativas".

Dando seguimento a entrevista foi perguntada aos professores se os alunos autistas participam das aulas e as respostas foram bem satisfatórias, pois os alunos participam sim, porém vale a pena destacar que um professor (a) demonstra certa admiração para com seu aluno em sua fala, pois o mesmo nos relata o seguinte fato.

> *Participa muito bem, inclusive às vezes faz a atividade melhor do que os colegas. Eu gosto de trabalhar atividades lúdicas com as crianças e tem atividades que ele faz melhor que os meninos, ele tem uma coordenação motora perfeita, ele é muito inteligente, mas tem um pouco de preguiça (risos), mas se for uma atividade que ele gosta, ele faz perfeitamente. Por exemplo: Tem uma atividade que eu gosto de passar pra eles, onde coloco cinco cones de cada lado e eles formam duas filas, ai cada um tem que ir correndo pegando os cones até a chegada, depois voltar arrumando os cones até chegar perto da equipe. Ele faz essa atividade melhor que as outras crianças, pra você ter noção quando ele chega perto dos cones ele deita no chão rapidamente e colhe os cones rolando (nesse momento a entrevistada expressou muitos risos por lembrar-se do fato ocorrido).* (PROFESSOR D).

Certamente esse aluno se desenvolve muito nessa atividade, por ter uma boa coordenação motora, e com isso faz com que ele seja mais facilmente inserido nas atividades.

Ainda falando da inclusão por parte dos alunos, foi perguntado sobre a receptividade dos alunos sem deficiência, para com os alunos com deficiência, e como resposta positiva temos a do professor A, onde nos diz assim,

> *Os alunos dessa escola são muito diferenciados, então se eu ensino a eles, que eles precisam incluir o colega eles incluem, e é muito bonito, eles*

> *botam mesmo os colegas para participarem! Claro que sempre a gente vai ter aqueles alunos viciados independente da escola, você sempre vai ter aqueles alunos boleiros, e que joga pra ganhar, esse tipo de aluno não incluem os colegas com deficiência, mas, por exemplo, os outros que a gente acaba motivando/ensinando, eles acabam sempre incluindo! Eu ensino eles nas aulas.*

Entretanto, existem alunos que não querem incluir os colegas nas atividades propostas em aula, para isso é importante destacar a fala do Professor B,

> *[...]. Quando tenho algum aluno com deficiência, sempre converso com os alunos e explico o que ele tem e como podemos ajudar. Eu sempre tento mostrar para o grupo que ele tem uma situação diferente, mas que no mesmo tempo ele é igual a todo mundo, e a partir do momento que o aluno começa entender e perceber as diferenças ajuda muito!*

Entendemos que do mesmo jeito que é muito importante o professor conhecer seus alunos, também é de grande valia as crianças presentes nesse contexto devem ter conhecimento para saber e entender o que o colega tem, para em conjunto com professor ajudar contribuindo para que esse aluno se desenvolva como um todo.

Segundo autor Castro (2005, p. 410):

> [...]. A prática da inclusão envolve a crença de que as diferenças valorizam as pessoas e facilitam a aprendizagem pela cooperação. A diferença é vista como uma vantagem e que deve ser resgatada sob a condição de mudanças atitudinais de todos os envolvidos.

Diante da fala do autor acima entendemos o quanto é importante os colegas de sala entender que agora é a hora de ver essa mudança no meio da escola, porque assim todos serão beneficiados com esse ato. Para entender tal afirmação, segundo Glat e outros (2006, p. 2) “[...], as diferenças precisam ser encaradas como fonte de recursos às transformações, ao invés de serem vistas como obstáculos”. De acordo com a fala ninguém melhor do que o professor para mostrar para seus alunos essa diferença, pois como fala o autor Castro (2005, p. 424), “[...], o professor é o mediador da relação e interação entre alunos com e sem deficiência”. Ainda o para Castro (2005, p. 436):

> Esse é um contexto educacional valioso que diminui o ministério de aprender. Ainda estimula todas as reconhecerem o valor da diversidade. É o melhor caminho para a amizade, companheirismo e o desenvolvimento de um senso de satisfação humana: o de traçar algo com alguém.

Depois procuramos saber dos professores, o que eles acham sobre a disciplina de educação física para com aluno com deficiência, e será que essa disciplina trás algum beneficia para o aluno com deficiência. Para isso é interessante analisarmos algumas respostas obtidas pelos professores, assim para o professor B, *“Muito, porque é nela que o aluno vai ter contato com outras crianças e com isso vai*

estimular a socialização, e não somente a parte motora e cognitiva". Assim analisando a fala do outro professor C,

> *Sim, a educação física por ela trabalhar com a questão corporal, porque o autista faz a leitura corporal, ele vê, ele sente. Então tudo o que ele faz é corporalmente que são movimentos repetitivos, e essa aproximidade com a questão corporal que a educação física tem é um leque muito grande de coisas que podem se trabalhar.*

Dando seguimento a entrevista, é importante destacar a fala de outro professor,

> *Muita! É ali no contato físico, onde ele tem a maior possibilidade de se conhecerem e de aprenderem uns com os outros. É ali onde eles estão se tocando, onde ele tem possibilidade de conversar e se conhecer o extremo deles, as emoções deles, porque na sala de aula você está aqui e a professora ali na frente explicando, os alunos não podem ficar de tititi, já na educação física é o momento em, onde ele tem essa possibilidade e liberdade de trocarem ideia, e eu sinto muito isso, que a educação física é extremamente importante para eles.*
>
> *Ela trás várias contribuições tanto motora quanto de atitude e socialização dos alunos.* (PROFESSOR A).

Dentre a fala dos entrevistados, podemos perceber que nas aulas de educação física os alunos desenvolvem se por completo, ou seja, a criança desenvolve a parte motora, cognitiva e sociocultural, dentre outros, sendo isso tudo trabalhado através de seus conteúdos variados, como ginástica, lutas, danças, esportes, jogos e brincadeiras. Para tanto é indispensável à fala do último entrevistado, onde diz "*Sim, mas é um pouco complicado porque cada autista tem sua especificidade, mas é possível sim! E educação física vai melhorar em tudo no aluno autista, mas isso vai depender muito do professor também, de como vai trabalhar com aluno".* (PROFESSOR D). Deixando-nos assim cientes de que o papel do professor é de suma importância para o desenvolvimento do aluno autista.

Como nos afirma o autor (MACIEL et al, 2010, p. 47), isso de modo geral, ou seja, não sendo restrito somente para crianças autistas,

> O professor tem um papel de suma importância no desenvolvimento lúdico da criança, sendo assim, o mesmo tem a responsabilidade de incentivar, transmitir confiança e afetividade impondo limites, intervindo nas ações da criança quando necessário. Cabe ao professor propiciar os objetivos de cada atividade e organizar tempo e espaços adequados para que a atividade a ser realizada tenha o melhor desempenho possível. Esses procedimentos são essenciais, pois vão refletir diretamente na aprendizagem da criança tornando-a mais eficaz, agradável e prazerosa.

Podemos notar a partir da fala do autor, que o professor tem um papel muito importante e é fundamental que o mesmo procure sempre estar atualizado e preparado para lidar com os desafios no ambiente escolar, para assim melhorar seu desenvolvimento profissional como professor, "[...] O modo mais seguro de melhorar

as atitudes e as expectativas dos professores é desenvolver seu conhecimento da diversidade dos alunos e suas habilidades para ensinar-lhes". Como segundo Marchesi (2004, p. 44). Dessa forma é importante o professor procurar formas de aprendizagens para estar sempre bem informado.

4.5 TRABALHOS EM EQUIPE A FAVOR DA INCLUSÃO

Esse tópico da pesquisa buscou-se entender como funcionam as propostas pedagógicas da escola, isso analisando a fala dos professores e não propriamente dito a escola, então temos que ter sensibilidade para entender que essa é a visão do professor.

Identificamos através da pesquisa que a maioria dos professores, dizem que as escolas em que trabalham, tem propostas pedagógicas e que as mesmas colocam em prática, como diz,

> *Olha só aqui na escola eu não tenho problema de a disciplina de educação física ser menos do que as outras disciplinas, pelo contrario os colegas tem consciência de que a educação física é tão importante quanto química, matemática, etc...*
> *Com respeito à inclusão, na verdade eles me apoiam, por exemplo, se eu precisar de qualquer auxilio eles me apoiam, porém os outros professores não têm como me apoiar tanto, porque cada um tem suas obrigações das suas disciplinas.*
> *A equipe pedagógica me apoia com tudo, não deixando faltar material e quando peço qualquer material eles providenciam rapidamente para mim, com isso tenho uma gama de materiais.*
> *E a pedagoga, ela sempre me apoia quando o aluno entra e depois me dando feedback que para mim é muito bom, porque é onde sei se estou trabalhando legal com os alunos.(*PROFESSOR A*).*

Foi evidente na fala do professor que existe na escola em que trabalha uma proposta pedagógica e a mesma funciona e melhor ainda eles têm a disciplina de educação física nivelada com as outras, não sendo uma melhor ou pior que a outra. Dando seguimento as respostas, *"Aqui na escola tem apoio sim, eles passam o caso da criança para gente e ajuda entender como trabalhar com eles e sempre que preciso de algum material eles me arrumam rapidamente".* Assim diz o professor B, e complementando com a fala do professor C, *[...] Quando a gente notava que o aluno tinha alguma dificuldade era feito uma reunião e chamava os familiares para conversar.* Depois o mesmo professor afirma que *"A escola tem essa preocupação com o aluno e com isso graças a deus em todas as escolas que trabalhei até hoje, todas me apoiaram".* Demonstrando que até o presente momento não enfrentou

nenhuma dificuldade nas instituições em que trabalhou, e isso é um ponto muito positivo. Vale ressaltar aqui à narrativa de uma professora que se mostra um pouco indignada em sua fala, onde demonstra já ter tido problemas com escola e professores por causa de seus alunos com deficiência,

> *Nem sempre, inclusive já briguei muito* nas escolas regulares, sempre! De ver o faz de conta*! Porque a maioria das vezes a escola só aceita a criança com deficiência por causa da lei por ser obrigada incluir, isso o aluno deficiente está lá na sala somente para compor e pra atender uma lei, um artigo que é obrigatório de incluir o aluno, mas na verdade na prática isso só acontece de fachada em varias escolas.*
>
> *E também as professoras que estão ali só sabem dizer que: Há eu não fui preparada, quando eu me formei não fui preparada, mas também não faz nada para mudar isso! E isso acontece até hoje e em vários lugares!* (PROFESSOR D).

Nessa fala nos mostra que nem todas as escolas e professores praticam a inclusão e que a mesma ainda está longe de ser praticada normalmente, isso porque percebemos que para inclusão ser praticada de fato, "[...] requer um trabalho colaborativo entre todos os envolvidos no processo educacional: professores, pais, alunos, profissionais de apoio e recursos da comunidade" (BLANCO, 2004, p. 307), e também deve haver um conhecimento por parte do professor sobre o assunto e também por parte da escola, mas o mais importante é diante de tudo saber trabalhar em parceria, como melhoria e um bom desenvolvimento tanto do aluno, quanto da escola, professor e família, na verdade se todos trabalharem em prol da inclusão, a mesma será feita naturalmente.

Como diz Mantoan (2003, p. 44):

> O exercício constante e sistemático de compartilhamento de ideias, sentimentos e ações entre professores, diretores e coordenadores da escola é um dos pontos-chave do aprimoramento em serviço. Esse exercício é feito sobre as experiências concretas, os problemas reais, as situações do dia-a-dia que desequilibram o trabalho nas salas de aula — esta é a matéria-prima das mudanças pretendidas pela formação.

Assim devemos em continuação da entrevista dessa professora abordar essa parceria, será que existe realmente essa parceria nas escolas, então veremos na fala do professor D, onde diz,

> *Eu acho que essa parceria não existe em vários lugares! Aliás, eu acho que são poucos os lugares que realmente existe essa parceria! Acho muito difícil isso acontecer! Inclusive já tive muitos problemas com escolas por causa de crianças deficientes, e os familiares, são bem poucos que estão ali presentes, na verdade alguns estão sempre ali, mas a maioria não!*
> *Os professores (risos) piorou! Porque eles só sabem tratar a criança como uma bola, onde joga ele pra cá e joga ele pra lá!*

> *Bom! Na minha opinião, se existisse essa parceria e se ela funcionasse, hoje nem existiria a APAE por exemplo, ou qualquer outra instituição que cuida de pessoas com deficiência. (Professora expressou um pouco de sentimento de raiva).*

Na fala a professora se mostrou indignada com a situação, onde relata que já teve vários problemas com a gestão da escola referente à inclusão de seus alunos com deficiência e relatando que se acontecesse de fato essa parceria, não existiria as instituições que acolhesse pessoas com deficiência. Entendemos a indignação em sua fala, entretanto devemos pensar que a inclusão não irá acontecer de um dia para o outro e com isso devemos mudar a cada dia para haver a pratica da mesma, será que falta da parte do professor para haver essa parceria, pois na fala de outro professor podemos perceber que fácil não é, porque o professor tem seus afazeres e ainda tem que dar conta de um número muito grande de alunos, porém a escola está na mesma condição, onde também tem que dar conta de um número ainda maior de alunos onde a responsabilidade aumenta mais ainda, entretanto em sua fala nos deixa bem claro que a escola tenta sempre chamar a família se caso precise resolver alguma coisa, e nos deixa claro que a parceria não depende de um ou de outro, mas sim de todos estarem sempre presentes com a criança para dar apoio e ajudar quando preciso. (PROFESSOR C).

Depois dessa fala não podemos generalizar afirmando que não existe parceria em todas as escolas, para isso analisamos as respostas dos outros professores, onde para o professor D. *"Aqui na escola existe sim essa parceria! Sempre estamos em contato com a família, e também tem as reuniões de pais que sevem para mapear e dar um feedback no nosso trabalho".* E para identificar melhor essa parceria é importante destacar a fala do professor A, onde diz:

> *Olha! Até o presente momento, eu percebo que aqui na escola temos essa parceria e ela funciona perfeitamente! Até mesmo porque, por ser uma escola que estuda a bíblia e crê nela, buscamos sempre estar em contato com as famílias para melhorar o convívio dos alunos. E sempre que precisamos entramos em contato com os pais da criança para conversamos, e até hoje isso tem dado muito certo!*
> *A respeito da parceria entre os professores e a escola, também não posso me queixar de nada, porque quando preciso, eles sempre me ajudam.*
> *De modo geral posso dizer que existe sim, essa parceria e que ela funciona muito bem. Bom (um breve silencio), até agora sim! (risos).*

Diante das respostas obtidas, devemos pensar qual é o papel da escola, professor e família a respeito da inclusão dessas crianças com deficiência, pois já podemos dizer que todas as partes são fundamentais nesse processo porque a família é muito

importante por ser o primeiro contato como sociedade para essa criança, assim afirma Portela e Almeida (2009, p. 149-150):

> A família configura-se como uma instituição socializadora, como célula básica da sociedade, cuja importância é decisiva no desenvolvimento do indivíduo. Proprietária de uma característica não comum às outras instituições, a família possibilita a realização de vínculos filiais expressos em relações afetivas e emocionais entre seus membros, difíceis de se encontrar em outros ambientes sociais, pois o ser humano, ao nascer, já se encontra integrado numa família específica, com características próprias, pertencente a uma determinada cultura e ocupando uma posição socioeconômica definida dentro de um certo grupo cultural. Ainda mais, ele já nasce com um lugar, de certa forma, predeterminado dentro do grupo familiar.

Sabendo disso vale afirmar também a fala do autor Blanco (2004, p. 304), quando diz, “A colaboração da família é de vital importância para favorecer a contextualização e generalização de determinadas aprendizagens e consegui que estas sejam mais significativas para a criança, já que pode relacionar o que faz em casa e o que faz na escola”. Já a escola tem por obrigação pelas leis citadas mais acima na pesquisa, como afirma Blanco (2004, p. 290),

> [...], a escola deve conseguir o difícil equilíbrio de oferecer uma resposta educativa, tanto compreensiva quanto diversificada, proporcionando uma cultura comum a todos os alunos, que evite a discriminação e a desigualdade de oportunidade e, ao mesmo tempo, que respeite suas características e suas necessidades individuais.

Sabendo disso, a mesma tem o dever de incluir a criança nessa condição, mas mais do que isso a escola é a principal formadora de cidadãos e com isso pensamos que a mesma tem um papel muito importante, porque ali as crianças estão sendo preparadas para uma sociedade para todos, também por parte o professor entra como mediador entre o aluno, escola e família, e por isso o professor deve se especializar e ficar por dentro do assunto que é a inclusão, para assim através de suas aulas transformarem e ampliarem a visão de seus alunos para prática de uma inclusão não somente na escola, mas sim para a vida.

Assim devemos pensar que havendo uma parceria e um bom relacionamento entre escola, professor, família, dentre outros, teremos vários benefícios com respeito a diversidade e inclusão educacional, dessa forma é importante pensar que criando um bom relacionamento entre essas partes teremos um melhor desenvolvimento institucional. Para que isso aconteça da melhor maneira é importante rever atitudes com relação às diferenças tendo uma reflexão conjunta com trabalho colaborativo entre os envolvidos. Contudo devemos pensar que um ambiente físico agradável e

acolhedor também contribuem para aprendizagem, relações interpessoais, autonomia e a mobilidade de todos os alunos ali inseridos. (BLANCO, 2004).

Segundo afirma o autor Mantoan (2003, p. 43):

> [...], a inclusão escolar não cabe em um paradigma tradicional de educação e, assim sendo, uma preparação do professor nessa direção requer um *design* diferente das propostas de profissionalização existentes e de uma formação em serviço que também muda, porque as escolas não serão mais as mesmas, se abraçarem esse novo projeto educacional.

Analisando toda entrevista podemos perceber respostas parecidas e também respostas diferentes, e isso é importante para entendermos como está sendo praticada a inclusão de pessoas com deficiência no ambiente escolar que é o motivo real da pesquisa, e mesmo sabendo que ainda estamos distante de praticar totalmente a inclusão, pelo menos sabemos que os professores de educação física estão pensando de forma inclusiva com respeito a seus alunos com deficiência, sendo assim um grande avanço para inclusão escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos através dessa pesquisa o quanto é importante termos uma base em nossa formação como futuros docentes, e como é indispensável o ensino das disciplinas voltadas para área da inclusão que tanto falamos atualmente, pois a partir dos relatos dos professores entrevistados podemos perceber a partir dessa aprendizagem/ensino que temos acesso na faculdade, nos trás segurança e um pouco mais de facilidade para lidar com a inclusão de pessoas com deficiência no ambiente escolar. Também sabemos como são válidas as experiências obtidas quando ainda o professor está em formação, pois como vimos em toda pesquisa, os professores que tiveram mais experiências em sua formação, hoje tem menos dificuldades com a prática da mesma, sendo assim quanto mais cedo tiver contato com o assunto de inclusão, mais fácil será sua prática.

Entretanto, sabemos que a preparação que o acadêmico tem em formação não é totalmente suficiente para praticar a inclusão, como falado na entrevista, por isso é importante o professor buscar especializações fora da faculdade e até mesmo sempre se atualizar com pesquisar baseadas no assunto de inclusão. Assim podemos dizer que se faz muito importante além do ensino oferecido na faculdade às atualizações e especializações que são facilmente oferecidas em várias instituições, para que o processo de inclusão seja mais presente nas escolas para futuramente a vida das crianças ali inseridas.

Podemos dizer que com relação à formação continuada foi um ponto muito positivo nessa pesquisa, pois todos os entrevistados relatam que se atualizam constantemente e buscam de várias formas a atualização para ampliar seus conhecimentos referentes ao assunto de inclusão escolar.

Sabemos que quando o professor vai para o ambiente escolar, no primeiro momento o mesmo passa por grandes dificuldades a respeito da prática da inclusão, como percebido durante essa pesquisa, por isso é de suma importância ter essa preparação antecipada e também essa atualização constante, pois assim quanto mais conhecimentos e experiências adquiridas a respeito da inclusão, os mesmos saberão como agir diante de certas situações que aparecerão no dia a dia.

Também podemos apontar por meio da pesquisa, a importância do professor em ter a preocupação em conhecer todos os seus alunos, nesse sentido, nos referimos ao

professor ter pelo menos uma base de quais deficiências existem, e quais são àquelas de seus alunos, para assim poder ter uma boa estratégia de trabalho, ainda mais como tratado nessa pesquisa um aluno com deficiência mental, sendo assim mais especifico o autista, é muito importante o professor ter conhecimento das características do autismo, para assim conseguir trabalhar da melhor forma com seu aluno, fazendo com que o mesmo se desenvolva cada dia, e que esse desenvolvimento seja num todo, para que aprenda a conviver de forma mais natural em uma sociedade ainda em transformação para a inclusão.

Assim também pensando em seus alunos sem deficiência, o professor deve saber como se portar diante de todos os alunos, para através seu papel como mediador, ser um exemplo de pratica de inclusão, para que seus alunos aprendam a respeitar e a incluir seus colegas independente de suas diferenças.

REFERÊNCIAS

ASSIS, A, C, M. **Espaços de intervenção destinados a criança autista:** Análise de atuação de professor de educação física. 1016. 80 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) – Centro Universitário Católico de Vitória, Vitória e 2016.

BAPTISTA, C. R. (Org). **Inclusão e Escolarização:** múltiplas perspectivas. 1ª reimpressão. Porto Alegre: Mediação, 2009.

BELTRAME, T. S.; RIBEIRO, J. Atitudes de Graduandos em Educação Física do CEFID em Face da Inclusão de Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais. **Revista da educação Física.** Maringá, v. 15, n. 2, p. 17-22, 2004. Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3417/2441> Acesso em: 21 maio. 2017.

BIANCONI, E. de C.; MUNSTER, M. de A. V. **Educação Física e pessoas com deficiências:** considerações sobre as estratégias de inclusão no contexto escolar. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1995_991.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2017.

BLANCO, R. A atenção à diversidade na sala de aula e as adaptações do currículo. In: COLL, C; MARCHESI, Á; PALACIOS, J. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. **Psicologia da Educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. v. 3. p. 290- 308.

BRAGA, I. S. **Teorizando as práticas de atendimento à pessoa com autismo na rede de escolas publicas do distrito federal.** Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Brasília: Secretaria da Educação Especial/ MEC/ SEESP, 2001. p. 69. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12992-diretrizes-para-a-educacao-basica>. Acesso em: 22 set. 2016.

_____. **Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999**. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3298.htm>. Acesso em 05 nov. 2016.

_____. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 26 de out de 2016.

_____. **Lei 9.696, de 1998.** Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9696.htm>. Acesso em 26 out. 2016.

_____. **Lei n. 12.014, de 20 de dezembro de 1996.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/arquivos/asstematico/estudos0025_parecer_lei_12014_09.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2017.

_____. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 26 out. 2016.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Cap. V. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf>. Acesso em 23 nov. 2016.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** Educação física / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>. Acesso em: 02 set. 2016.

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem**. Educação inclusiva. 3ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

CASTRO, E. M. de. **Atividade Física Adaptada.** Rio Preto. SP: Editora Tecmedd, 2005.

CHICON, J. F. Compreendendo a in/exclusão no contexto da educação física escolar. In: _____; RODRIGUES, Graciele Massoli (org.). **Educação Física e os Desafios da Inclusão**. Vitória: EDUFES, 2013. p. 66-103.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. **Introdução à Educação Física Adaptada para Pessoas com Deficiência.** Curitiba, PR: Editora UFPR, 2009.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. **Educação Física e Inclusão:** Considerações para a prática pedagógica na escola. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP, [199-]. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/inclusao.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2016.

COELHO, M.; SANTO, A. E. **Necessidades Educativas Especiais de Carácter Permanente/prolongado no Contexto da Escola Inclusiva.** Trabalho (Disciplina Necessidades Educacionais Especiais de Carácter Permanente/Prolongado no contexto da Escola Inclusiva) - Centro de Formação Contínua de Professores de Ourique, Castro Verde, Aljustrel e Almodôvar, 2006. Disponível em:

<http://cenfocal.drealentejo.pt/trabalhosformandos/ac%E7%E3o7/Trabalho_Final_-_Autismo_Ant%F3nia_Madalena.pdf>. Acesso em: 27 set. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**.** Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB n.º 2, de 11 de setembro de 2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. **Diário Oficial da União**, 14 de setembro de 2001. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 02 Abr. 2017.

CRUZ, G. de C.; FERREIRA, J. R. Processo de Formação continuada de professores de educação física em contexto educacional inclusivo. **Revista Brasileira de Educação Física E Esporte,** São Paulo, v.9, n.2, p.163-180, abr/jun. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/viewFile/16592/18305>. Acesso em: 19 maio. 2017.

FACION, J. R. **Inclusão Escolar e as suas Implicações**. Curitiba: IBPEX, 2005.

GAUDERER, E. C. **Autismo.** 3 ed. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Livraria Atheneu Editora. 1993.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa.** 1 ed. Porto alegre: UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas S. A., 2002. Disponível em: <https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 19 set. 2016.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6 ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 18 out. 2016.

GLAT, R. et al. Formação de professores na educação inclusiva: diretrizes políticas e resultados de pesquisas. In**:** XIII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 2006, Recife. **Anais...** Recife: Pernambuco, 2006. p. 01-15 Disponível em: <http://www.lapeade.com.br/publicacoes/artigos/ENDIPE%202006.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2016.

GÓES, M. C. R. (org.). **Políticas e práticas de educação inclusiva**. 2ª ed. Campinas: WVA, 2007.

GORLA, J. I. **Educação Física Especial:** Testes. Rolândia/PR: Physical-Fisio, 1997.

MACIEL, F. et al. **A importância das brincadeiras infantis na construção do conhecimento no ato educativo para crianças de 4 a 7 anos**. Minas Gerais, 44-

62, 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/7091/6302>. Acesso em: 25 maio. 2017.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar:** o que é? por quê? como fazer?. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2003.

MARCHESI, A. A prática das escolas inclusivas. In: COLL, C; MARCHESI, Á; PALACIOS, J. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. **Psicologia da Educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. v. 3. p. 31-48.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Cientifica.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MENDONÇA, D. de.; FLAITT, P. M. da. **Educação Física Adaptada.** 1 ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2013.

MICHAELIS. **Dicionário escolar língua portuguesa.** São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos.** Tailândia, s/n, 5 a 9 de mar de 1990. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>. Acesso em: 01 Nov. 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: Unic, 2009. Disponível em: <http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>. Acesso em: 23 Mar. 2017

PORTELA , C. P. de J.; ALMEIDA, C. V. P. de J. **Família e escola:** como essa parceria pode favorecer crianças com necessidades educativas especiais. In: DÍAZ, F; et al. **Educação inclusiva, deficiência e contexto social:** questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em:<http://static.scielo.org/scielobooks/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285.pdf>. Acesso em: 26 maio. 2017.

PRIETO, R. G. **Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais:** um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. In: MANTOAN, M. T. E.; Arantes, V. A. (Org.). **Inclusão escolar:** pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006. Disponível em: <http://cappf.org.br/tiki-download_wiki_attachment.php?attId=396>. Acesso em: 02 Abr. 2017.

SÃO PAULO. Defensoria Pública do Estado de São Paulo. Núcleos Especializados da Infância e Juventude, de Combate à Discriminação, Racismo e Preconceito e do Idoso e da Pessoa com Deficiência. **Direito das Pessoas com Autismo.** São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.revistaautismo.com.br/CartilhaDireitos.pdf>. Acesso em 25 set. 2016.

SAMPAIO, C. T.; SAMPAIO, S. M. R. **Convivendo com a diversidade:** a inclusão escolar da criança com deficiência intelectual. In: DÍAZ, F; et al. **Educação inclusiva, deficiência e contexto social:** questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em:<http://static.scielo.org/scielobooks/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285.pdf>. Acesso em: 26 maio. 2017.

SASSAKI, R. K. **Inclusão:** Construindo uma sociedade para todos. 8 ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

SERRA, C. G. **A inclusão de uma criança com autismo na escola regular: desafios e processos.** 2004. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/Dayse_Carla_Genero_Serra-ME.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2016.

SILVA, A. P. M. da; ARRUDA, A. L. M. M. **O papel do professor diante da inclusão escolar.** Revista Eletrônica Saberes da Educação, São Roque, V. 5, n. 1, 2014. Disponível em:<http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Ana_Paula.pdf>. Acesso em: 02 Abr. 2017.

SOUSA, A. F. J. et al. Educação física escolar para autistas. In: XI SEMANA ACADÊMICA CAMPUS DE ALTAMIRA, 2014, Altamira. **Anais...** Autamira: Eduepa, 2014. p. 74-81. Disponível em: <http://files.xi-semana-academica.webnode.com/200000019-66fd067f70/Anais%20de%20Trabalhos%20Cient%C3%ADficos%20Aceitos%20na%20XI%20Semana%20Acadêmica-2014.pdf>. Acesso em: 02 Abr. 2017.

WERNECK, C. **Ninguém mais vai ser bonzinho, na sociedade inclusiva.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.

APÊNDICE A – ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS PROFESSORES

Entrevista com Professor A.

1. Em relação a sua formação acadêmica, foi oferecido alguma disciplina para entender/praticar a inclusão de pessoas com deficiência?

   Resposta- *Olha! O ensino e aprendizado que a gente tem dentro da faculdade são muito importantes, são fundamentais para abrir a nossa mente dos desafios que vamos enfrentar quando viermos para escola, mas nunca é suficiente, porque não existe uma receita pronta pra eu chegar aqui e saber trabalhar com autista ou trabalhar com outras deficiências, a gente não tem, é sempre uma incógnita. Porque além da pessoa ter a deficiência ela ainda tem a personalidade dela, então pode ser que seja uma personalidade que, não vai interferir na aula de educação física ou pode ser uma personalidade que vai interferir na educação física, na aula de educação física. Então por exemplo às disciplinas que a gente tem na faculdade elas são superimportantes pra poder nos alertar quanto às dificuldades que vamos enfrentar (um curto prazo de silencio), nos motivar que existem possibilidades de a gente trabalhar sim com esses alunos deficientes, mas que é suficiente... Nunca!*

2. Você fez alguma especialização depois da sua formação acadêmica?

   Resposta- *A formação continuada eu não tive, mas há dois anos fui num congresso de educação física que teve na UFES, chamado COMBRACE! E lá eles falavam especificamente sobre a educação inclusiva, entretanto eu achei muito ainda leve e superficial, na verdade o que foi passado lá eu fiquei até mesmo assim, porque eu já fazia aqui (escola), Eu esperava um algo mais, mais forte, mais concreto, e não teve! Então eu penso que até as formações continuada deveriam se preparar um pouco mais, de repente para abordar esse tema de modo mais positiva, de mais concreta. Penso assim!*

3. Você se sente preparado para trabalhar com inclusão no ambiente escolar?

   Resposta- *Toda vez que você olha para um aluno, com ou sem deficiência, é um desafio! Mas, estar preparada para dar aula para um deficiente, sempre será mais difícil, porque tem todas as especificidades do aluno, da deficiência dele, e tem as nossas limitações, porque além daquele aluno com deficiência, a gente tem que dar conta também de toda turma. Então como que é eu digo assim: Eu*

me sinto disposta, a ir lá e enfrentar o desafio e fazer o que eu puder para o desenvolvimento daquele aluno, assim como é claro de toda turma, mas preparada (um pequeno momento de silencio na fala). Nunca eu acho!

4. Como você pensa a inclusão geral e do sujeito autista?

   Resposta- *É difícil! Porque o autista não consegue ficar muito com as outras pessoas, mas também não é impossível incluir eles nas aulas não.*

5. Na sua concepção, será que é possível trabalhar de forma inclusiva com crianças autistas?

   Resposta- *Eu acho que é muito possível, a criança autista ela tem a característica de querer participar e querer fazer. Têm as peculiaridades dela, que às vezes ela vai estar no mundo dela, ela não vai querer fazer nada, mas de outra forma também ela acaba se envolvendo.*

6. Qual nível de conhecimento você tem sobre as características do autismo?

   Resposta- *Eu sempre pesquiso, mas não conheço muito não, mas sei que eles vivem em seu próprio mundo.*

7. Você tem algum aluno autista?

   Resposta- *Sim! Tenho dois alunos autistas, eles são aquelas crianças que eles mesmos se excluem então a gente sempre tem que estar chamando e colocando do lado (Dá medo), mas esses são nossos desafios e temos que enfrentar.*

8. Como se sentiu ao saber que teria um aluno autista em sua turma?

   Resposta- *Dá medo! Dá medo! Porque a gente sabe que o aluno que é comum à gente vai ter já os desafios, porque dá inexperiência, porque você não sabe como é lidar com vinte meninos diferentes, então você já tem esse desafio de você ser inexperiente!*

   E quando eu entrei aqui, eu já tinha um aluno com uma doença degenerativa, e tinha os outros intelectuais, mas esses sempre são menos visíveis, menos visados.

9. Qual é a metodologia utilizada para dar aula de educação física com sujeito autista? (Exemplo: Sites, livros, artigos, etc...)

   Resposta- *Então (10 segundos de silencio) Eu gosto no meu perfil de aula, é que todos participem tanto os que gostam muito quanto os que não gostam muito, então eu sempre estudo e pesquiso muito em vários sites e blogs de professores de educação física, para fazer os planejamentos das minhas aulas.*

10. Como são planejadas suas aulas de educação física? Consegue atender as expectativas de todos os alunos?

    Resposta- *Eu não faço um plano de aula separado, porque ai seria uma escola especial, onde eu faria um plano para ele, mas aqui eu não faço! É o mesmo plano de aula, e eu insiro meu aluno com deficiência dentro da minha aula. Eles conseguem brincar e interagir normalmente nas aulas, talvez se fosse outra escola seria mais difícil, mas aqui como é uma escola concessionária, onde tem fé e regras, estuda e acredita na bíblia, onde a gente trabalha muito o amor e companheirismo, então eles incluem os colegas, mesmo tendo aqueles que não incluem, mas a maioria inclui.*

11. Nas aulas de Educação Física, essas crianças autistas participam ativamente das atividades?

    Resposta- *Os meus alunos participam sempre das aulas, como por exemplo, tenho um aluno que é autista e sempre joga como goleiro e joga muito, e também tem o outro aluno autista que é do primeiro ano, que super joga com os meninos e presta atenção nas aulas direitinho.*

12. Como é a receptividade dos alunos com a presença de uma criança autista na turma?

    Resposta- *Os alunos dessa escola são muito diferenciados, então se eu ensino a eles, que eles precisam incluir o colega eles incluem, e é muito bonito, eles botam mesmo os colegas para participarem! Claro que sempre a gente vai ter aqueles alunos viciados independente da escola, você sempre vai ter aqueles alunos boleiros, e que joga pra ganhar, esse tipo de aluno não incluem os colegas com deficiência, mas, por exemplo, os outros que a gente acaba motivando/ensinando, eles acabam sempre incluindo! Eu ensino eles nas aulas.*

13. Diante de tudo que tratamos nessa conversa, você acredita que a Educação Física traz contribuições para as crianças autistas? E quais são essas contribuições?

    Resposta- *Muita! É ali no contato físico, onde ele tem a maior possibilidade de se conhecerem e de aprenderem uns com os outros. É ali onde eles estão se tocando, onde ele tem possibilidade de conversar e se conhecer o extremo deles, as emoções deles, porque na sala de aula você está aqui e a professora ali na frente explicando, os alunos não podem ficar de tititi, já na educação física é o*

momento em, onde ele tem essa possibilidade e liberdade de trocarem idéia, e eu sinto muito isso, que a educação física é extremamente importante para eles.

Ela trás várias contribuições tanto motora quanto de atitude e socialização dos alunos.

14. A instituição em que trabalha possui uma proposta política pedagógica que auxilia em favor da inclusão? Como a escola te apoia?

    Resposta- *Olha só aqui na escola eu não tenho problema de a disciplina de educação física ser menos do que as outras disciplinas, pelo contrario os colegas tem consciência de que a educação física é tão importante quanto química, matemática, etc...*

    Com respeito à inclusão, na verdade eles me apoiam, por exemplo, se eu precisar de qualquer auxilio eles me apoiam, porém os outros professores não têm como me apoiar tanto, porque cada um tem suas obrigações das suas disciplinas.

    A equipe pedagógica me apoia com tudo, não deixando faltar material e quando peço qualquer material eles providenciam rapidamente para mim, com isso tenho uma gama de materiais.

    E a pedagoga, ela sempre me apoia quando o aluno entra e depois me dando feedback que para mim é muito bom, porque é onde sei se estou trabalhando legal com os alunos.

15. O que você me diz sobre a parceria que deve existir entre escola, professor e família?

    Resposta- *Olha! Até o presente momento, eu percebo que aqui na escola temos essa parceria e ela funciona perfeitamente! Até mesmo porque, por ser uma escola que estuda a bíblia e crê nela, buscamos sempre estar em contato com as famílias para melhorar o convívio dos alunos. E sempre que precisamos entramos em contato com os pais da criança para conversamos, e até hoje isso tem dado muito certo!*

    A respeito da parceria entre os professores e a escola, também não posso me queixar de nada, porque quando preciso, eles sempre me ajudam.

    De modo geral posso dizer que existe sim, essa parceria e que ela funciona muito bem. Bom (um breve silencio), até agora sim! (risos)

Entrevista com Professor B.

1. Em relação a sua formação acadêmica, foi oferecido alguma disciplina para entender/praticar a inclusão de pessoas com deficiência?

Resposta- *Sim, a gente teve a disciplina educação física adaptada, e ela teve muita importância para que hoje eu pudesse trabalhar com inclusão.*

2. Você fez alguma especialização depois da sua formação acadêmica?

Resposta- *Sim, tanto durante quanto depois. Fiz alguns cursos, mas no momento não me lembro de nome e detalhes deles.*

3. Você se sente preparado para trabalhar com inclusão no ambiente escolar?

Resposta- *Sim, às vezes o que a gente tem dificuldade é por conta das demandas de você conseguir dar uma atenção especial para o aluno com deficiência, ainda mais com uma turma grande e de diversos tipos de alunos, mas estou preparado sim!*

4. Como você pensa a inclusão geral e do sujeito autista?

Resposta- *Não é fácil! O grau de complexibilidade é grande, é difícil!*

Eu acho que é extremamente possível, dependendo de caso para caso em termos de progressão, daí é muito especifico, não tem como você ditar uma regra! Há mas a lei diz que a gente deve aceitar, mas nem sempre eu acho que o aceitar é bom para criança, então assim, em alguns casos eu acho que igual a APAE ajuda, sim! Em alguns casos eu acho que a escola regular é muito boa para o aluno, mas depende muito da situação até da visão dos pais perante a situação.

5. Na sua concepção, será que é possível trabalhar de forma inclusiva com crianças autistas?

Resposta- *Eu acho que sim, mas depende muito do caso em especifico, eu acho que alguns casos a gente não consegue atingir nessas demandas de escolas "ditas normais", onde tem 30 alunos e às vezes você finge que dá atenção, mas na verdade você não dá conta.*

6. Qual nível de conhecimento você tem sobre as características do autismo?

Resposta- *Eu conheço bastante por ter trabalhado em eventos com vários!*

7. Você tem algum aluno autista?

Resposta- *Hoje não tenho, mas já tive! Hoje estou dando aula para alunos com outras deficiências.*

8. Como se sentiu ao saber que teria um aluno autista em sua turma?

Resposta- *Eu sempre levei mais para o lado do desafio! O desafio foi o primeiro impacto, o que vou fazer e que posso ser útil para trabalhar com aquele aluno. Em nenhum momento eu falei que não iria conseguir!*

9. Qual é a metodologia utilizada para dar aula de educação física com sujeito autista? (Exemplo: Sites, livros, artigos, etc...)

Resposta- *Hoje assim, como a bagagem teórica me ajuda muito, a bagagem pratica, a vivencia com outros educadores, as vezes em troca de experiências, tudo isso vai moldando e vai trazendo para o cotidiano de aulas praticas, até de entendimento de educação física.*

10. Como são planejadas suas aulas de educação física? Consegue atender as expectativas de todos os alunos?

Resposta- *Como já trabalho há bastante tempo e já tive vivencia em uma instituição chamada Associação de Pais, Amigos e Pessoas com Deficiência, de Funcionários do Banco do Brasil e da Comunidade (APABB), a vivencia nos facilita muito para algumas situações cotidianas, mas eu tento nortear educação física com danças, esportes, lutas, jogos e brincadeiras num contexto geral e trazer disso segmentar, pra conteúdos específicos da educação física. A meu ver atende aos alunos sim, mas cada caso é um caso.*

11. Nas aulas de Educação Física, essas crianças autistas participam ativamente das atividades?

Resposta- *Hoje não tenho aluno autista, mas é muito difícil ele participar! Até por causa do vinculo do caso do autista, é bem subjetivo, mas acho que depende muito do grau.*

12. Como é a receptividade dos alunos com a presença de uma criança autista na turma?

Resposta- *Era normal, porem sempre tem alguns alunos que não querem incluir o aluno nas aulas. Quando tenho algum aluno com deficiência, sempre converso com os alunos e explico o que ele tem e como podemos ajudar. Eu sempre tento mostrar para o grupo que ele tem uma situação diferente, mas que no mesmo tempo ele é igual a todo mundo, e a partir do momento que o aluno começa entender e perceber as diferenças ajuda muito!*

13. Diante de tudo que tratamos nessa conversa, você acredita que a Educação Física traz contribuições para as crianças autistas? E quais são essas contribuições?

Resposta- *Muito, porque é nela que o aluno vai ter contato com outras crianças e com isso vai estimular a socialização, e não somente a parte motora e cognitiva.*

14. A instituição em que trabalha possui uma proposta política pedagógica que auxilia em favor da inclusão? Como a escola te apoia?

Resposta- *Aqui na escola tem apoio sim, eles passam o caso da criança para gente e ajuda entender como trabalhar com eles e sempre que preciso de algum material eles me arrumam rapidamente.*

15. O que você me diz sobre a parceria que deve existir entre escola, professor e família?

Resposta- *Aqui na escola existe sim essa parceria! Sempre estamos em contato com a família, e também tem as reuniões de pais que sevem para mapear e dar um feedback no nosso trabalho.*

Entrevista com Professor C.

1. Em relação a sua formação acadêmica, foi oferecido alguma disciplina para entender/praticar a inclusão de pessoas com deficiência?

Resposta- *Sim, na UFES nós tivemos! Lá tem um grupo chamado LAEFA (laboratório de educação física adaptada), e tem uma APAE que freqüenta, e lá os professores colocam os acadêmicos para lidar diretamente com as crianças com deficiência, e com isso a meu ver tivemos uma ótima preparação.*

2. Você fez alguma especialização depois da sua formação acadêmica?

Resposta- *Sim, fiz educação especial inclusiva, transtorno e déficit de atenção e hiperatividade, inclusão, formação de atendimento especializado em deficientes auditivos, intermediário de libras e pós em libras.*

3. Você se sente preparado para trabalhar com inclusão no ambiente escolar?

Resposta- *Hoje eu tenho mais confiança, e não vou com tanto medo, um pouco apreensiva sim por causa do primeiro contato, mas com medo não. Por causa das vivencias que já tive, hoje não tenho medo e nem insegurança.*

4. Como você pensa a inclusão geral e do sujeito autista?

Resposta- *O que eu percebo desde a minha formação, é que a inclusão vem se desenvolvendo em todo o processo, tanto nas prefeituras quanto no estado, pois antigamente não tinha as salas de AEE, as escolas que estão sendo construídas já com as adaptações para pessoas com deficiência, também hoje estão tendo os professores especializados para o atendimento a essas pessoas.*

Eu acho que já teve um grande avanço, mas tende a melhorar muito ainda.

5. Na sua concepção, será que é possível trabalhar de forma inclusiva com crianças autistas?

Resposta- *Sim.*

6. Qual nível de conhecimento você tem sobre as características do autismo?

Resposta- *Sim tenho conhecimento!*

7. Você tem algum aluno autista?

Resposta- *Vários!*

8. Como se sentiu ao saber que teria um aluno autista em sua turma?

Resposta- *Eu sempre gostei, e fiquei muito feliz em saber que tinha um aluno autista na minha turma, porque eu sabia que iria ter um pouco mais de trabalho, mas fiquei super feliz em saber que iria incluir ele nas minhas aulas!*

9. Qual é a metodologia utilizada para dar aula de educação física com sujeito autista? (Exemplo: Sites, livros, artigos, etc...)

Resposta- *Eu pesquiso na internet, leio muito chicon, que também foi meu professor e ele tem vários livros e artigos, mas gosto muito de ler artigos de pessoas que desenvolveram trabalhos com essas crianças.*

10. Como são planejadas suas aulas de educação física? Consegue atender as expectativas de todos os alunos?

Resposta- *A gente planeja, mas às vezes nem os ditos normais não conseguimos alcançar, imagina as crianças autistas.*

11. Nas aulas de Educação Física, essas crianças autistas participam ativamente das atividades?

Resposta- *Sim, sempre faço a aula de modo que todos consigam participar.*

12. Como é a receptividade dos alunos com a presença de uma criança autista na turma?

Resposta- *Depende muito de como o professor se porta diante da situação, mas graças a Deus meus alunos sempre receberam bem os colegas.*

13. Diante de tudo que tratamos nessa conversa, você acredita que a Educação Física traz contribuições para as crianças autistas? E quais são essas contribuições?

Resposta- *Sim, a educação física por ela trabalhar com a questão corporal, porque o autista faz a leitura corporal, ele vê, ele sente. Então tudo o que ele faz é corporalmente que são movimentos repetitivos, e essa aproximidade com a*

questão corporal que a educação física tem é um leque muito grande de coisas que podem se trabalhar.

14. A instituição em que trabalha possui uma proposta política pedagógica que auxilia em favor da inclusão? Como a escola te apoia?

Resposta- *Sim! Quando a gente notava que o aluno tinha alguma dificuldade era feito uma reunião e chamava os familiares para conversar.*

A escola tem essa preocupação com o aluno e com isso graças a deus em todas as escolas que trabalhei até hoje, todas me apoiaram de varias maneiras.

15. O que você me diz sobre a parceria que deve existir entre escola, professor e família?

Resposta- *Olha! Não é muito fácil não! Porque o professor tem que dar conta de uma sala com um grande número de crianças, a escola mais ainda, porque tem que dar conta de um número muito maior, mas sempre tentamos conversar sobre o aluno, e se vemos que tem alguma coisa, ai chamamos a família para tentar resolver o problema.*

Bom! Eu acho que essa parceria depende muito de todos estarem sempre presentes na vida do aluno com deficiência, sempre apoiando e quando for preciso, ajudar um ao outro de alguma forma.

Entrevista com Professor D.

1. Em relação a sua formação acadêmica, foi oferecido alguma disciplina para entender/praticar a inclusão de pessoas com deficiência?

Resposta- *Na minha graduação não, mas depois que eu me formei em 2006, logo após eu soube que entrou uma disciplina própria para educação adaptada, só não me lembro do ano, mas sei que depois entrou uma disciplina na grade curricular do curso.*

Eu me lembro de ter feito uma aula na faculdade de ginástica geral, onde o professor levou crianças da APAE de Vitória, e nós formamos grupos e cada grupo montava uma série de exercícios pra trabalhar com os meninos da APAE, e eu gostei muito dessa aula. Assim logo que terminei eu na faculdade, fui fazer a pós em educação especial porque gostei e me identifiquei muito através daquela aula.

2. Você fez alguma especialização depois da sua formação acadêmica?

Resposta- *Eu fiz uma pós em educação especial e depois fiz libras no ano de 2010, mas também participo muito de palestras em congressos e procuro sempre estudar pela internet em sites, artigos e livros, pois hoje a internet é um mundo de informações.*

3. Você se sente preparado para trabalhar com inclusão no ambiente escolar?

Resposta- *Quando eu fui trabalhar no ensino regular já fui preparada, então não tive muita dificuldade não. Acho que é porque me identifiquei muito com o trabalho de inclusão, eu gosto muito de estar com eles!*

4. Como você pensa a inclusão geral e do sujeito autista?

Resposta- *Eu acho que já tivemos avanços em relação à inclusão, mas tem muito a fazer ainda, e com relação ao autista não é fácil, dependendo do grau que ele tem.*

5. Na sua concepção, será que é possível trabalhar de forma inclusiva com crianças autistas?

Resposta- *Sim, é possível, mas eu acho que a pessoa tem que gostar muito dessa área para conseguir fazer um bom trabalho com eles.*

6. Qual nível de conhecimento você tem sobre as características do autismo?

Resposta- *Tenho bastante conhecimento por ter tido vários alunos.*

7. Você tem algum aluno autista?

Resposta- *Sim, hoje tenho um no sexto ano. Se você olhar pra ele, nem diz que ele tem autismo, ele é grande e tem mais ou menos 11 anos, e não parece ter esse problema, só depois que você percebe.*

8. Como se sentiu ao saber que teria um aluno autista em sua turma?

Resposta- *Na verdade acho que todo mundo sente preocupação no primeiro momento, mas como gosto dessa área, encarei mais como um desafio mesmo.*

9. Qual é a metodologia utilizada para dar aula de educação física com sujeito autista? (Exemplo: Sites, livros, artigos, etc...)

Resposta- *Eu pesquiso em artigos e livros, mas na verdade depois da pratica você se acostuma e consegue planejar sua aula sem esses materiais.*

10. Como são planejadas suas aulas de educação física? Consegue atender as expectativas de todos os alunos?

Resposta- *Eu planejo uma aula para todos, mas se deixar os alunos exclui o autista porque eles acham que ele não é capaz, mas quando eu coloco ele para*

fazer a atividade, os outros alunos acabam aceitando e fazendo a aula como planejada.

11. Nas aulas de Educação Física, essas crianças autistas participam ativamente das atividades?

Resposta- *Participa muito bem, inclusive às vezes faz a atividade melhor do que os colegas. Eu gosto de trabalhar atividades lúdicas com as crianças e tem atividades que ele faz melhor que os meninos, ele tem uma coordenação motora perfeita, ele é muito inteligente, mas tem um pouco de preguiça (risos), mas se for uma atividade que ele gosta, ele faz perfeitamente. Por exemplo: Tem uma atividade que eu gosto de passar pra eles, onde coloco cinco cones de cada lado e eles formam duas filas, ai cada um tem que ir correndo pegando os cones até a chegada, depois voltar arrumando os cones até chegar perto da equipe. Ele faz essa atividade melhor que as outras crianças, pra você ter noção quando ele chega perto dos cones ele deita no chão rapidamente e colhe os cones rolando (nesse momento a entrevistada expressou muitos risos por lembrar-se do fato ocorrido).*

12. Como é a receptividade dos alunos com a presença de uma criança autista na turma?

Resposta- *Depende muito da criança, tenho alunos que inclui, mas tenho alunos que chama o autista de doidinho.*

13. Diante de tudo que tratamos nessa conversa, você acredita que a Educação Física traz contribuições para as crianças autistas? E quais são essas contribuições?

Resposta- *Sim, mas é um pouco complicado porque cada autista tem sua especificidade, mas é possível sim!*

E educação física vai melhorar em tudo no aluno autista, mas isso vai depender muito do professor também, de como vai trabalhar com aluno.

14. A instituição em que trabalha possui uma proposta política pedagógica que auxilia em favor da inclusão? Como a escola te apoia?

Resposta- *Nem sempre, inclusive já briguei muito* nas escolas regulares, sempre! De ver o faz de conta*! Porque a maioria das vezes a escola só aceita a criança com deficiência por causa da lei por ser obrigada incluir, isso o aluno deficiente está lá na sala somente para compor e pra atender uma lei, um artigo que é obrigatório de incluir o aluno, mas na verdade na prática isso só acontece de*

fachada em varias escolas. E também as professoras que estão ali só sabem dizer que: Há eu não fui preparada, quando eu me formei não fui preparada, mas também não faz nada para mudar isso! E isso acontece até hoje e em vários lugares!

15. O que você me diz sobre a parceria que deve existir entre escola, professor e família?

Resposta- *Eu acho que essa parceria não existe em vários lugares! Aliás eu acho que são poucos os lugares que realmente existe essa parceria! Acho muito difícil isso acontecer! Inclusive já tive muitos problemas com escolas por causa de crianças deficientes, e os familiares, são bem poucos que estão ali presentes, na verdade alguns estão sempre ali, mas a maioria não!*

Os professores (risos) piorou! Porque eles só sabem tratar a criança como uma bola, onde joga ele pra cá e joga ele pra lá!

Bom! Na minha opinião, se existisse essa parceria e se ela funcionasse, hoje nem existiria a APAE por exemplo, ou qualquer outra instituição que cuida de pessoas com deficiência. (Professora expressou um pouco de sentimento de raiva).

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Idade: _____ anos. R.G.: _____

Eu _____, abaixo assinado, declaro ter pleno conhecimento do que se segue: 1) Fui informado, de forma clara e objetiva, que o professor Leonardo Miglinas e seu orientando Welyane Ayolphi de Oliveira estão realizando uma pesquisa acerca do “Analise e reflexão sobre os relatos de experiências de alguns professores de educação física acerca da inclusão do sujeito autista” 2) Sei que, nesta pesquisa, serão realizadas observações e entrevistas; 3) Estou ciente que, caso me sinta constrangido (a) antes e durante a realização da entrevista, não é obrigatória a minha participação nesta pesquisa; 4) Poderei saber, por meio desta pesquisa, como foram “tratados” os dados que dizem respeito à minha pessoa; 5) Sei que os pesquisadores manterão em caráter confidencial todas as respostas que comprometam a minha privacidade e identidade; 6) Caso queira, poderei receber informações atualizadas durante o estudo, ainda que isso possa afetar a minha vontade em continuar dele participando; 7) Estas informações poderão ser obtidas por contato com os pesquisadores Leonardo Miglinas e Welyane Ayolphi de Oliveira (via telefone: (27) 99923-5610 ou por correio eletrônico: welyane2009@hotmail.com; 8) Foi-me esclarecido que o resultado da pesquisa somente será divulgado (por meio de publicações em artigos e trabalhos acadêmicos) com o objetivo científico, mantendo-se a minha identidade em sigilo; 9) Quaisquer outras informações adicionais que julgar importantes para a compreensão do desenvolvimento da pesquisa e de minha participação poderão ser obtidas com o referido pesquisador; 10) Autorizo que as informações obtidas ao longo da referida pesquisa venham a ser publicadas em artigos acadêmico-científicos, bem como apresentadas em eventos da mesma natureza, desde que observados os critérios que não comprometam de forma alguma minha privacidade e identidade.

Declaro, ainda, que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

Vitória-ES, _____ de _____ de 2016.

Pesquisador: _____

Sujeito da Pesquisa: _____

Testemunha:

1. _____RG:_____